

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA - UFV

**A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DE CAMPO PARA O PROCESSO DE
ENSINO-APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA: DESAFIOS E LACUNAS**

Angélica Ladeira Teixeira

Viçosa – MG

2015

Angélica Ladeira Teixeira

**A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DE CAMPO PARA O PROCESSO DE
ENSINO-APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA: DESAFIOS E LACUNAS**

Monografia apresentada ao Curso de Geografia da Universidade Federal de Viçosa como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Orientador: Prof.^o Dr. Wagner Barbosa Batella

Viçosa – MG

2015

Monografia intitulada “A Importância do Trabalho de Campo para o Processo de Ensino-Aprendizagem de Geografia: Desafios e Lacunas” de autoria da graduanda Angélica Ladeira Teixeira, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof.º Dr. Wagner Barbosa Batella
Departamento de Geografia - UFV

Prof.º Dr. Leomar Tiradentes
Colégio de Aplicação – COLUNI - UFV

Prof.º Dr. Gustavo Soares Iorio
Departamento de Geografia - UFV

Viçosa, 25 de Novembro de 2015

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado força, saúde e fé para superar as dificuldades. Aos meus pais Rui e Cleunice e a minha irmã Mariane, por todo amor, confiança, paciência e dedicação. Ao meu avô Dico pelo apoio incondicional.

À Universidade Federal de Viçosa e a todos os professores do Departamento de Geografia, pela colaboração na formação acadêmica. Em especial ao professor Wagner Batella, pela orientação, conhecimento compartilhado, questionamentos e por apoiar esta pesquisa. Aos secretários do departamento Gilmar, Patrícia e Fábio, por toda competência e ajuda na parte burocrática exigida.

A equipe do “Grafias Negras na Zona da Mata Mineira”, principalmente as professoras Janete Regina de Oliveira e Isabel Chryssostomo e também aos membros do PIBID pelas experiências compartilhadas ao longo da graduação.

Ao Higor Mozart por todo carinho, ao se preocupar com o tema deste trabalho, por entender minhas angústias e aflições durante a pesquisa. A Raiza Faria por ajudar com a construção dos mapas.

À todos que auxiliaram no desenvolvimento deste trabalho direta ou indiretamente, meu muito obrigado!

“A Educação qualquer que seja ela, é sempre uma teoria do conhecimento posta em prática”.

Paulo Freire

RESUMO

Ao longo dos anos o trabalho de campo se posicionou como um importante instrumento de investigação e pesquisa para a ciência geográfica e para o processo de ensino e aprendizagem de Geografia. Ao ser utilizado enquanto recurso metodológico, o trabalho de campo permite o reconhecimento do educador e do educando como produtores e modificadores do espaço geográfico, principal objeto de estudo da Geografia. Entretanto o espaço trata-se de um termo um pouco abstrato, desta forma, dificulta o ensino do professor e a aprendizagem do aluno, que não consegue visualizar o que é o espaço geográfico em uma sala de aula. Porém, o desenvolvimento dos trabalhos de campos é inviabilizado por uma série de elementos presentes no cotidiano escolar. Entendendo a importância e as contribuições do trabalho de campo para os alunos e professores, este trabalho vem analisar as dificuldades enfrentadas pela Escola Estadual Emílio Jardim, situada no município de Coimbra – MG, em desenvolver o trabalho de campo. Esta análise torna-se possível a partir de pesquisas desenvolvidas na escola, com a colaboração dos professores de Geografia, alunos e da direção escolar. O presente trabalho pretende contribuir para a discussão sobre o processo de ensino e aprendizagem em Geografia, bem como a da utilização do trabalho de campo quanto importante recurso metodológico.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho de Campo, Ensino de Geografia, Espaços Escolares.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa de Localização do Município de Coimbra-MG.....	35
Figura 2: Faixada da Escola Estadual Emílio Jardim.....	37
Figura 3: Trajeto do Trabalho de Campo.....	48
Figura 4: Trilha do Horto Botânico – UFV.....	49
Figura 5: Dinâmica sobre o que foi visto ao longo da trilha.....	51
Figura 6: Trabalho desenvolvido pelos alunos.....	52
Figura 7: Trabalho desenvolvido pelos alunos.....	52
Figura 8: Trabalho desenvolvido pelos alunos.....	53
Figura 9: Trabalho desenvolvido pelos alunos.....	53
Figura 10: Desenvolvimento da atividade de encerramento do Trabalho de Campo.....	55
Figura 11: Desenvolvimento da atividade de encerramento do Trabalho de Campo.....	54

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO 1: O PAPEL DO TRABALHO DE CAMPO PARA A GEOGRAFIA	11
1.1. A Importância do Trabalho de Campo para a Ciência Geográfica	11
1.2. A Importância do Trabalho de Campo para o Ensino de Geografia	15
CAPÍTULO 2: O TRABALHO DE CAMPO.....	22
2.1. Estruturação de um Trabalho de Campo	22
2.2. Os Tipos de Trabalho de Campo.....	27
CAPÍTULO 3: O TRABALHO DE CAMPO E O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA ESCOLA ESTADUAL EMÍLIO JARDIM	34
3.1. Procedimentos Metodológicos da Pesquisa	36
3.2. Escola Estadual Emílio Jardim.....	37
3.3. A Visão da Direção Escolar Sobre o Trabalho de Campo	38
3.4. A Visão do Professor de Geografia Sobre o Trabalho de Campo.....	40
3.5. O Trabalho de Campo no Horto Florestal da Universidade Federal de Viçosa – UFV ...	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	58
APÊNDICE	61
Apêndice 1: Estrutura da entrevista feita ao diretor e a professora de geografia da Escola Estadual Emílio Jardim	62
Apêndice 2 – Transcrição da entrevista com o diretor da escola	63
Apêndice 3 – Transcrição da entrevista com a supervisora	67
Apêndice 4 – Transcrição da entrevista a professora de Geografia	69

INTRODUÇÃO

Os rumos que educação brasileira vem tomando é um tema bastante discutido na atualidade, principalmente em torno de propostas para melhorias no ensino. Os baixos investimentos no processo de ensino e aprendizagem apresentam-se como uma agravante, obtendo desta forma baixos índices de desenvolvimento educacional.

Investir na educação seria apenas um dos primeiros passos para solucionar os problemas sociais vivenciados nos dias atuais. Investir em uma educação de qualidade, também implica em investimento na formação docente. Para que assim seja possível formar professores capacitados a ensinar e a aprender com os alunos.

Ainda existem muitos obstáculos que envolvem a educação. A respeito da educação brasileira, além da formação docente, existem outros entraves que dificultam o desenvolvimento educacional. Porém não é objetivo deste trabalho discutir a base educacional brasileira. Este trabalho possui como proposta debater o trabalho de campo como recurso metodológico para a disciplina de geografia.

O Trabalho de campo é um importante instrumento de aprendizagem e formação dos alunos, em qualquer disciplina. Mas precisamente na Geografia, possui importante papel enquanto instrumento de investigação no ensino dessa disciplina e na ciência geográfica. Ao utilizá-lo como recurso metodológico, este permite sair do campo da descrição para o reconhecimento do sujeito produtor e modificador da dinâmica recorrente no espaço geográfico.

O espaço geográfico é a principal categoria de estudo da geografia, porém, trata-se de um termo um pouco abstrato, desta forma, dificulta o ensino do professor e a aprendizagem do aluno, que não consegue visualizar o que é o espaço geográfico, assim como os conceitos de Geografia, dentre eles: lugar, território, paisagem, apenas em aulas expositivas em uma sala de aula. A utilização do trabalho de campo é uma forma do aluno reconhecer parte do que foi apresentado em sala, sendo este também um importante momento de reflexão e apropriação crítica do conhecimento ao invés de uma simples transmissão de conteúdos. Desta forma, desempenha também importante papel de articulador entre a teoria e a prática.

Assim o presente trabalho consiste em uma pesquisa bibliográfica sobre a importância do trabalho de campo para o ensino de Geografia, a sua utilização como recurso metodológico, e uma pesquisa realizada na escola Estadual Emílio Jardim no município de Coimbra – MG por meio de entrevistas e acompanhamento de algumas

aulas de geografia. O objetivo deste trabalho é analisar a importância, as limitações para realização e as principais contribuições do trabalho de campo, enquanto recurso metodológico, para o Ensino de Geografia. Assim como avaliar as práticas de trabalho de campo na escola estudada; Compreender o que a direção escolar e professores de geografia entendem por trabalho de campo e por fim, analisar as principais dificuldades enfrentadas na construção e realização de um trabalho de campo.

Ao longo do desenvolvimento deste trabalho foram realizadas algumas pesquisas bibliográficas em artigos, livros, dissertações de mestrado e teses de doutorado que abordam a temática proposta, como o objetivo de enriquecer o fundamento teórico e promover uma discussão acerca da utilização do trabalho de campo no ensino de Geografia. Em seguida como auxílio ao referencial teórico, ocorreu a pesquisa a campo, afim de averiguar se ocorre a utilização deste recurso metodológico no ensino de geografia, nesta escola.

A pesquisa foi realizada na escola, e contou com a colaboração do diretor (formado em Geografia), da professora de Geografia, e dos alunos. Durante a pesquisa procurou-se averiguar a frequência com que ocorrem os trabalhos de campo na escola, as principais dificuldades para a sua realização e as impressões que cada um destes agentes escolares possui quanto a essa prática. E para auxiliar nessa compreensão também houve o acompanhamento em um dos trabalhos de campo que foi desenvolvido ao longo do ano.

Este trabalho está dividido em três capítulos, o primeiro capítulo consiste em uma contextualização acerca da importância do trabalho de campo para o ensino de Geografia e a ciência geográfica, o segundo capítulo consiste em uma contextualização sobre a estruturação de um trabalho de campo e as diferentes tipologias, e o terceiro capítulo é realizada a análise dos dados coletados na escola e das observações feitas durante a realização do campo no Horto Florestal da Universidade Federal de Viçosa.

A partir desta pesquisa pretende-se colaborar com o trabalho do professor de Geografia no processo de aprendizagem dos alunos. Deste modo, esta pesquisa justifica-se ao analisar a atividade de campo realizada pela Escola Estadual Emílio Jardim, e identificar as principais dificuldades existentes na realização do campo, contribuindo assim para o debate acerca da importância da utilização do trabalho de campo como recurso metodológico para o ensino de Geografia.

CAPÍTULO 1: O PAPEL DO TRABALHO DE CAMPO PARA A GEOGRAFIA

1.1. A Importância do Trabalho de Campo para a Ciência Geográfica

O trabalho de campo apresenta-se como uma das principais práticas da ciência geográfica, pois desde o seu início, a Geografia acolhe o trabalho de campo como principal ferramenta na busca pelo conhecimento. O trabalho de campo é um importante instrumento de pesquisa para a Geografia, porém, não é exclusivo desta ciência, pois se destaca como um recurso que possibilita o desenvolvimento e o refinamento de métodos de pesquisas, elemento fundamental em qualquer ciência. Outros campos do saber, como por exemplo, a Biologia, Sociologia e Artes, também utilizam o trabalho de campo como ferramenta de investigação e instrumento de pesquisa.

A atividade geográfica surge com a própria humanidade porque ela responde a uma das necessidades vitais do homem: a necessidade de saber se localizar e de saber localizar fenômenos, coisas, lugares, etc... Em seu espaço vital imediato, na região, no país, no mundo. (AMORIM FILHO, 1982, p. 2)

Ainda sem saber que se tratava da Geografia, ao suprirem as suas necessidades, a humanidade já praticava o conhecimento espacial. Desde o surgimento da humanidade, o geógrafo tinha como principal papel, guiar e localizar as tribos, desta forma entende-se que a função do geógrafo estava associada à descrição das diferentes paisagens.

A geografia, ciência que estuda as relações entre o homem e o meio, sempre utilizou-se do trabalho de campo. Antigamente eram chamados de viagens exploratórias, expedições ou excursões científicas. Segundo CORRÊA (1996), o trabalho de campo é uma tradição cuja importância é reconhecida por todos, sobretudo aqueles que tem na paisagem natural ou cultural a objetivação da geografia. (SANTOS e TENES, 2001 p. 27)

A partir da ideia de geógrafo enquanto viajante considera-se que tais viajantes procuravam as viagens por diferentes motivos: como o lazer, o trabalho, a pesquisa, a investigação de potencialidades exploráveis, desenvolvimento científico e relações diplomáticas. Estes viajantes eram constituídos por curiosos, que queriam reconhecer um novo mundo e novas culturas, desta forma, se apropriando de conhecimentos sobre as paisagens, que se materializavam em relatos de viagem de campo. Como é

exemplificado no filme “As Montanhas da Lua”. Dentre alguns viajantes destacam-se Darwin, Saint-Hilaire, Von Martius, Debret e Humboldt. Apesar de não serem geógrafos, utilizaram o trabalho de campo, como instrumento para as pesquisas.

Os relatos das viagens se tornaram um gênero literário, e assim comerciável. Caracterizando, assim, as viagens de campo como importante instrumento da busca pelo conhecimento. Neste período, a preocupação estava acerca da mera exposição dos fatos, assim como a Geografia Tradicional, que baseava a construção do seu conhecimento na observação e descrição dos elementos que constituem a superfície terrestre. Como relata Bussolaro (2013):

A Geografia Tradicional adotou o método científico desenvolvido através da observação, da descrição e da classificação dos fatos, restringindo-se aos aspectos visíveis e mensuráveis do estudo. Essa postura priorizou a descrição compartimentada do quadro natural e humano, eliminando qualquer relação entre eles. A análise das relações sociais não era a preocupação, o enfoque era dado aos aspectos visíveis e aos fenômenos mensuráveis. O conhecimento era baseado na neutralidade científica, com o predomínio do empirismo como procedimento de descrição a realidade. (BUSSOLARO, 2013, p. 15 e 16)

Porém, as anotações do campo ganharam grande relevância, na medida em que auxiliava no reconhecimento de territórios, descoberta de nascente e reconhecimento de vegetações. Neste sentido, entende-se a importância da descrição para a construção do conhecimento geográfico, que por meio da descrição, das observações e de diferentes olhares adquiridos em viagens e trabalhos de campo, pode-se obter o conhecimento. Como demonstra Puntel (2007, p.9): “Os estudos baseavam-se na relação homem e natureza, e as técnicas de análise eram basicamente de observação, de descrição e de representação. Prevalencia a sobreposição dos fatos, não a integração dos mesmos”.

No entanto, é importante ressaltar que os conhecimentos geográficos adquiridos apenas na observação e descrição não atendem a necessidade da ciência geográfica para a compreensão da dinâmica do espaço geográfico. É necessário que além da observação e descrição, seja possível, ainda, fazer uma análise crítica para compreender a dinâmica espacial, contribuição esta que pode ser desenvolvida a partir do desenvolvimento do trabalho de campo.

Ao longo da história, o pensamento geográfico sofre uma série de transformações, assim como as opiniões sobre a importância do trabalho de campo para a Ciência Geográfica. Segundo Alentejano e Rocha-Leão (2006), com a chegada da

corrente crítica da Geografia, o trabalho de campo foi abandonado, devido ao seu exagero de empirismo, caracterizado pela Geografia Tradicional.

Também no movimento inicial da Geografia crítica, a radicalização crítica ao empirismo dominante na Geografia tradicional levou a uma negação da validade do trabalho de campo como instrumento de construção do pensamento geográfico, em função da ênfase conferida à teoria. (ALENTEJANO e ROCHA-LEÃO, 2006, p. 55).

Ainda segundo Alentejano e Rocha-Leão (2006), existe um problema de articulação entre a teoria e prática na Ciência Geográfica, que se depara com a dicotomia entre a Geografia Física e a Geografia Humana, a partir da década de 1950, ou seja, sociedade/natureza na produção do espaço geográfico, pois o olhar do pesquisador produz uma abordagem social ou natural sobre os fenômenos manifestados na superfície terrestre.

As dificuldades de articulação entre teoria e prática se entrecruzam com o problema da dicotomia entre Geografia física e humana, pois, apesar dos discursos que pregam uma visão integradora da Geografia, no sentido de não se isolarem as variáveis físicas e sociais responsáveis pela produção do espaço geográfico, o olhar do pesquisador, historicamente já impregnado da dicotomia físico-humana, acaba por produzir, na maioria das vezes, uma abordagem eminentemente social ou natural sobre os fenômenos manifestados na superfície terrestre. (ALENTEJANO e ROCHA-LEÃO, 2006, P. 55 e 56)

A técnica sem a teoria é apenas um método, uma forma de coleta de dados, porém estes dados devem ser observados e analisados criticamente. Neste sentido, o trabalho de campo sem a teoria, se torna apenas um passeio ou uma excursão, atribuindo-o a insuficiência de compreender de forma crítica os fenômenos geográficos presentes no espaço. E afinal, o que se espera do trabalho de campo, é para além da mediação dos conceitos geográficos, com o objetivo de compreender a dinâmica do espaço e que possibilite o atrelamento da empiria com a teoria.

O trabalho de campo não prescinde de um referencial teórico através do qual o objeto de investigação adquire fundamento. Minayo (2001, p. 56) afirma que “[...] a teoria informa o significado dinâmico daquilo que ocorre e que buscamos captar no espaço em estudo”. Portanto, é a partir da referência teórica que a posterior reflexão torna-se possível. O conhecimento começa antes mesmo do olhar, a partir do referencial que o observador traz consigo. (OLIVEIRA e MACHADO, S/D p. 3)

Assim, é necessário ter a preocupação de adotar uma postura crítica nas análises espaciais feitas no trabalho de campo. Este recurso não deve ser abandonado como advertido por Alentejano e Rocha-Leão (2006) anteriormente, entretanto deve-se ter o momento da observação, descrição da paisagem e como complemento uma reflexão crítica sobre tais observações e descrições.

Assim, o olhar clássico e a realização do trabalho de campo — que fundamenta as descrições — como forma primeira e essencial da construção do conhecimento, ao mesmo tempo em que é resultado de um momento histórico, em que predominam a racionalidade e a objetividade como referência da produção do saber científico, deixa sua marca de forma inequívoca nos momentos seguintes da produção do saber geográfico. (OLIVEIRA e MACHADO, S/D, p. 4)

De acordo com Alentejano e Rocha-Leão (2006), o trabalho de campo enquanto instrumento de investigação deve auxiliar na compreensão da dinâmica do espaço geográfico, durante um processo que deve ser mediado por conceitos geográficos. Assim o trabalho de campo se caracteriza em um momento de produção do conhecimento que não pode prescindir da teoria, sob pena de torna-se vazio de conteúdo.

Desta forma, demonstra-se a importância de promover o encontro da observação, descrição e reflexão crítica como modo de compreensão da dinâmica espacial utilizada pelo trabalho de campo. A partir desta articulação entre a observação, descrição e reflexão crítica, o trabalho de campo desempenhará o papel de auxiliar na compreensão do espaço geográfico.

O principal objeto de estudo da ciência geográfica é o espaço geográfico. É neste espaço, que os seres humanos estão situados, e desta forma, o espaço é habitado e transformado, continuamente através das ações humanas. Assim, todas essas ações humanas interferem na dinâmica do espaço geográfico, como as construções de casas, ruas, parques, indústrias dentre outras, que podem alterar o curso de um rio, ou o clima local, por exemplo. Como esclarece Milton Santos:

“O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá. No começo era a natureza selvagem, formada por objetos naturais, que ao longo da história vão sendo substituídos por objetos fabricados, objetos técnicos, mecanizados e, depois, cibernéticos, fazendo com que a natureza artificial tenda a funcionar como uma máquina. Através da presença desses objetos técnicos: hidroelétricas, fábricas, fazendas modernas, portos, estradas de

rodagem, estradas de ferro, cidades, o espaço é marcado por esses acréscimos, que lhe dão um conteúdo extremamente técnico.” (SANTOS, 2002, p. 38)

Na geografia, muito se discute acerca da relação homem/natureza. Esta relação é o que provoca a produção e transformação do espaço geográfico, pois é a partir deste processo, em que o homem modifica e habita o meio em que vive, sendo este meio a natureza, que ocorrem, as alterações do espaço geográfico. Para a sua sobrevivência, o homem utiliza dos recursos naturais disponíveis, e essa utilização provoca a transformação do espaço natural, continuamente. Assim o trabalho de campo se caracteriza em um instrumento capaz de proporcionar a compreensão deste espaço geográfico.

No atual contexto em que a Ciência Geográfica está inserida, o trabalho de campo se apresenta como um importante instrumento de investigação e recurso metodológico para pesquisas. O trabalho de campo deve privilegiar uma reflexão crítica que será feita a partir do planejamento, da observação, descrição da paisagem e sistematização e análise de todos os dados que constituem o campo. Desconstruindo, assim, o pensamento de que o trabalho de campo é apenas a pesquisa feita. O Trabalho de campo se constitui em um processo de estudos pré trabalho de campo, a pesquisa e sistematização dos dados coletados em campo. Em que Silva (2010) caracteriza como pré-campo, campo e pós-campo.

1.2. A Importância do Trabalho de Campo para o Ensino de Geografia

Entre as práticas educacionais existentes a que sempre se sobressaiu em termos de aprendizagem dos alunos foi a utilização do trabalho de campo. Isso porque se trata de um recurso metodológico que possibilita ao aluno sair do campo abstrato para a prática, ou seja, possibilita ao aluno conhecer na prática o que está estudando. Além de possibilitar maior sentido aos conteúdos e maior aproximação com realidade do aluno.

A utilização do trabalho de campo oferece ao aluno a possibilidade de produção do seu conhecimento, isto é possível a partir da observação feita durante o trabalho de campo, ou seja, a partir do seu olhar pessoal e aquilo que é observado, a paisagem.

Nos estudos que abordam a prática de determinados trabalhos de campo, dois elementos ganham relevância: o olhar (a observação), como instrumento de leitura, e a paisagem, como categoria de análise privilegiada por essa forma de apreensão do conhecimento. Segundo Hissa, 2002: (OLIVEIRA, S/D, p.3)

[...] o olhar nunca é o primeiro momento, senão como uma apreensão jamais alcançada. O que vêem os observadores não é determinado pelas imagens sobre suas retinas, mas depende também da experiência, expectativas e estado interior do observador (HISSA, 2002, p. 181 apud OLIVEIRA e MACHADO, S/D p. 3)

A observação é um recurso indispensável para o desenvolvimento do campo é a partir dele que o aluno vai ser capaz de identificar os principais conceitos e temas estudados em sala de aula, e desta forma, produzir os seu conhecimento. O trabalho de campo ajuda o aluno a desvendar os principais significados da paisagem.

A observação no campo, denominada direta, é tomada como o recurso indispensável para que seja viabilizado o trabalho do geógrafo. Mas, pouco, ainda, são discutidos os significados do trabalho de campo na produção do saber geográfico. (HISSA e OLIVEIRA, 2004, p. 33)

O olhar e a paisagem são instrumentos que auxiliam o aprendizado na geografia e outras disciplinas escolares. Para entender o conceito de paisagem é necessário ter um olhar cuidadoso sobre ela e os elementos que a compõem. A partir desta observação é possível descrever o que foi visto no trabalho de campo, e assim iniciar uma sistematização dos dados do campo.

Como já relatado anteriormente, o trabalho de campo é um instrumento de investigação científica, que não é exclusiva da ciência geográfica, porém é um instrumento de grande importância ao considerar o objeto de estudo da Geografia, o espaço geográfico. É necessário considerar que objeto de estudo exige uma análise profunda para que possa ser compreendido, uma vez que não é possível mostrá-lo aos alunos de forma concreta. Desta forma, o trabalho de campo também pode ser utilizado na geografia como uma ferramenta que auxilia no processo de ensino e aprendizagem.

A partir da utilização do trabalho de campo é possível demonstrar aos alunos as relações e interações que ocorrem no espaço geográfico, facilitando a compreensão e reconhecimento de tal conceito geográfico. Ao sair da sala de aula e perceber que a realidade vivenciada esta associada com a teoria estudada em sala de aula possibilita ao educando compreender sua participação efetiva na produção e modificação do espaço habitado.

A preocupação com o sair da sala de aula, aprender fora dos muros da escola permite o estudo da questão pedagógica e a valorização do processo na aprendizagem de Geografia para que, na complexidade do mundo de hoje, o educando possa realizar a análise do espaço geográfico, formar raciocínios geográficos e relacionar as vivências do seu cotidiano com os conceitos científicos adquiridos sistematicamente nas interações escolares e, assim, construir o seu próprio conhecimento. (BRAUN, 2007, p. 253)

A proposta do trabalho de campo como recurso metodológico tem como principal objetivo que o educando seja capaz de compreender o mundo criticamente, além de minimizar o número de aulas apenas expositivas e descritivas, o que pode ocasionar no desinteresse dos educandos, em relação às disciplinas escolares. Desta forma, é possível contribuir para o avanço positivo das condições do processo de ensino aprendizagem, proporcionando, assim, a formação dos alunos com pensamento crítico sobre a sociedade em que vivem.

“Compreendendo o trabalho de campo como um método de ensino e uma etapa fundamental na construção do conhecimento geográfico, acreditamos que esta atividade não pode ser menosprezada nesses níveis de ensino, uma vez que em campo o aluno se aproxima da realidade concreta com a possibilidade de observá-la em seus mais variados aspectos e analisá-la criticamente. Nesse sentido é possível, por um lado, aprofundar os conteúdos desenvolvidos em sala de aula e, por outro, levantar novas possibilidades de análises. Vale lembrar que diante da complexidade do real, um trabalho de campo pode ser enriquecido através da interdisciplinaridade.” (BELO e RODRIGUES JÚNIOR, 2010, p. 1)

A geografia enquanto disciplina escolar segue o mesmo caminho que as demais disciplinas, pois não se caracteriza apenas como uma ciência que transmite conceitos e conteúdos acerca da sua ciência, mas resulta também da necessidade da sociedade. Uma sociedade que necessita de discursos mais coesos e de caráter político, assim se faz necessário a formação de educandos que possuam um pensamento crítico sobre as principais dificuldades enfrentadas pela sociedade. E neste caso, a Geografia possui como principal papel formar cidadãos que se reconheçam como produtores da sociedade.

A sociedade em que vivemos atualmente clama por cidadãos que tenham opinião crítica, e que saibam se colocar de forma crítica aos atuais acontecimentos e que se reconheçam como sujeitos de processos políticos, assim, cada vez mais é necessário que a geografia adote uma postura crítica em suas análises espaciais. Essa compreensão espacial é de suma importância para a formação de sujeitos para que se reconheçam como produtores e modificadores do espaço geográfico. Tal reconhecimento de produção e modificação do espaço geográfico pode ser demonstrado aos alunos a partir da utilização do trabalho de campo.

O Trabalho de Campo possui papel fundamental no ensino de geografia, pois ele contribui com o processo de produção do conhecimento geográfico dos educandos. Em

campo, o aluno se aproxima da realidade vivenciada em seu cotidiano, com a possibilidade de observá-la e analisá-la criticamente. É importante que, a partir da observação durante o campo, o educando seja capaz de se reconhecer como produtor e transformador do espaço geográfico.

“Independentemente dos objetivos que possam justificá-lo, o trabalho de campo pode ser útil, por exemplo, nas práticas de ensino. Trata-se de uma possibilidade de compreensão dos lugares, das paisagens. Os trabalhos de campo, desde que acompanhados de referências teóricas, podem constituir-se de indispensável instrumento da ampliação das perspectivas conceituais dos estudantes. Mas, estudar é, sempre, pesquisar.” (HISSA e OLIVEIRA, 2004, p. 38)

A utilização do trabalho de campo é uma forma do aluno reconhecer parte do que foi apresentado em sala de aula, sendo este, também, um importante momento de reflexão e apropriação crítica do conhecimento, ao invés de uma simples transmissão de conteúdos. O trabalho de campo desempenha importante papel de articulador entre a teoria e a prática não só na geografia como nas demais disciplinas escolares.

É importante ressaltar que não se pode esquecer a teoria, pois ela deve andar lado a lado com a prática, sendo de grande importância para a formação do educando. Sem a teoria, o trabalho de campo torna-se apenas uma saída da escola ou um passeio fora da sala de aula. Não se pode esquecer estes trabalhos de campo, em contexto escolar, são realizados em sua grande maioria com crianças, que geralmente ficam eufóricos quando saem da escola. Por isso é de grande importância que o professor converse com seus alunos sobre a atividade que será realizada e que possui cunho científico.

Todo trabalho de campo deve ser precedido de um planejamento das atividades a serem desenvolvidas, desde a escolha do local a ser pesquisado até os objetivos do mesmo. Nesse planejamento também devem constar as atividades prévias e posteriores ao trabalho em campo em sala de aula. (SANTOS e TUNES, 2001 p. 28)

É também relevante lembrar que o trabalho de campo não é apenas o ato de sair da escola, nele deve estar contido um planejamento para que ele realmente faça sentido. Assim, o professor deve fazer um planejamento de como vão se desenvolver as aulas durante o trabalho de campo. Estudar anteriormente à saída, os conceitos geográficos que serão abordados e, na volta, fazer uma discussão e uma sistematização juntamente com os alunos sobre o que foi observado e aprendido durante o campo. Ou

seja, o trabalho de campo consiste no Pré-Campo, Campo e Pós-Campo, como é caracterizado por Silva (2010).

No TC observar as etapas do processo de aprendizagem são indispensáveis. A primeira etapa é a preparação do TC. Essa fase envolve a mobilização do aluno e a problematização do conteúdo com as informações prévias aos alunos. A 2ª etapa é a realização do TC. Nessa fase ocorrem as interações com o lugar e temáticas em estudo. É a fase da coleta de dados, dos registros e das observações. A 3ª etapa é a exploração do trabalho em sala de aula. A síntese do trabalho e a apresentação dos resultados. (BRAUN, 2007, p. 262)

Quando o trabalho de campo, não é construído com o devido cuidado e planejamento, ele perde o seu sentido, enquanto recurso metodológico. É necessário deixar explícito o objetivo de sair da escola para que o campo não se transforme apenas em um passeio. Segundo SANTOS e TUNES (2001), um trabalho de campo deve seguir um pequeno roteiro:

De forma geral, todo trabalho de campo (considerando apenas a saída propriamente dita) deve conter os seguintes passos:

- Objetivos Gerais e Específicos: Estabelecer qual o objetivo da saída a campo, tanto os gerais como os específicos.
- Hipóteses: Estabelecer juntamente com os alunos, as hipóteses, ou seja, discutir o que eles podem a partir desse trabalho de campo concluir sobre a temática trabalhada. Essa atividade é uma das mais importantes, pois faz com que o aluno pense nos conceitos trabalhados, e faça uma relação com a realidade objetiva.
- Atividades a serem realizadas: Estabelecer o que vai ser realizado no trabalho de campo, como realização de entrevistas, fotos, observação da paisagem, etc
- Cronograma: Estabelecer a duração do trabalho, e o tempo de permanência em cada local. (SANTOS e TUNES, 2001 p. 28 e 29)

É importante ressaltar também que não se configura como objetivo deste trabalho oferecer uma receita de como fazer um trabalho de campo para os professores, e sim propor reflexões que o auxiliem na elaboração de um campo com seus alunos.

O professor de geografia possui importante papel na construção e desenvolvimento do trabalho de campo, pois são os professores que possuem o poder de não deixar a viagem de campo se transformar em apenas mais um passeio que os alunos fazem fora do ambiente escolar.

“Porém, é importante salientar que é papel do professor responsável não permitir que o estudo do meio se torne de fato um passeio, cuidando de dar sentido e significado ao estudo, mantendo o vínculo com os objetivos curriculares e propondo um produto final coerente, interessante de ser

produzido, o qual tenha significado para os alunos. No entanto, em algumas instituições, é comum as propostas feitas por professores para saídas a campo encontrarem barreiras para sua realização, ou carecerem de apoio institucional.”(BELO e RODRIGUES JÚNIOR, 2010, p. 6)

Portanto, fica explícito que, ao utilizar do trabalho de campo como recurso metodológico, no ensino de geografia, o professor possui como principal papel o de articular a prática à teoria, para o melhor aprendizado do educando e propiciar a oportunidade dele mesmo construir o seu conhecimento.

Concebemos, portanto, o trabalho de campo de forma mais ampla, como um instrumento de análise geográfica que permite o reconhecimento do objeto e que, fazendo parte de um método de investigação, permite a inserção do pesquisador no movimento da sociedade como um todo. Esta visão não nega a possibilidade de uso de instrumentalização no campo e na pesquisa de forma ampla. (SUERTEGARAY, S/D, p. 4)

Atualmente, existe uma urgente necessidade de discutir sobre o processo de aprendizagem, o qual tem a tendência de ocorrer somente na sala de aula, entre os muros da escola. É necessário abrir os olhos para novas alternativas de aprendizagem que ultrapassem estes muros. Porém é compreensivo que a realidade de muitas escolas públicas não possibilitam a introdução de novas metodologias de aprendizado. Mas o professor pode tentar chamar a atenção dos alunos a partir de pequenos movimentos, como aplicar a sua matéria ao cotidiano do aluno.

É necessário mostrar aos alunos que ao conversar com outros moradores da cidade, podemos conhecer o passado, a história da cidade, constituindo desta forma, um exemplo de aprendizagem que não está contida na concepção tradicionalista, a qual tem-se a necessidade de acabar com os laços, urgentemente.

O processo de ensino e aprendizagem é aquele que não é possível ensinar sem aprender, promovendo o diálogo entre o conteúdo curricular e as vivências das pessoas e suas histórias. E para que este processo de ensino aprendizagem seja mais eficaz, é importante que ele seja desenvolvido não somente na escola, é um importante momento que “clama” por um contato direto com o mundo, que esta além da sala de aula.

Porém, a educação está presa aos muros da escola, são poucos os pais, professores e outros membros da escola que entendem que a aprendizagem pode ocorrer fora da escola, e na maioria das vezes também estão presos ao livro didático como única fonte de conhecimento.

A construção do saber geográfico, em muitas situações, continua centrada no discurso oral de aulas expositivas ou em leitura de textos do livro didático. Por outro lado, a importância que os alunos e alunas atribuem à Geografia escolar em suas vidas decorre da interação entre teoria e prática vivenciada na abordagem dos conteúdos. (BRAUN, 2007, p. 252)

É por isso que muitas vezes os próprios alunos entendem que, quando vão participar de um trabalho de campo, eles estão saindo para passear ou se divertir. Não que o trabalho de campo também não possa ser algo prazeroso e divertido para os alunos. Mas é importante deixar definido o objetivo de sair da escola.

Evidente que estes alunos não associam o trabalho de campo a uma aula como a vivenciada no ambiente escolar, na sala de aula. Por isso mais uma vez é de extrema importância que o trabalho de campo seja planejado, para que ao decorrer das aulas os alunos possam compreender qual é o real sentido de sair da escola. Quando os alunos tem esta consciência, o trabalho de campo pode ficar mais produtivo, tanto para o professor como para o aluno.

Outra questão importante é que não existe uma quantidade ideal de trabalhos de campo que deveriam ser realizadas ao longo do ano letivo. O campo deve ser concebido no momento em que o professor entender que é pertinente aos seus alunos.

CAPÍTULO 2: O TRABALHO DE CAMPO

2.1. Estruturação de um Trabalho de Campo

O trabalho de campo é um recurso metodológico que pode ser implantado desde as séries iniciais do ensino fundamental, que utiliza como ideia inicial a produção do conhecimento baseado na realidade e no dia-a-dia do aluno. A possibilidade deste contato com a realidade do educando permite que este indivíduo lance novos olhares para a disciplina, ou seja, a disciplina pode se tornar mais atrativa.

O professor estimula a curiosidade do aluno através da percepção do mundo e do papel do indivíduo dentro dele. As ideias, teorias e a própria realidade são enxergadas por um ângulo não visto anteriormente. (SILVA, 2010,p. 3)

Desta forma, quando a aula torna-se mais atrativa para o aluno, fica mais fácil de conceber o processo ensino-aprendizagem. Ao sentir-se atraído pela aula, o aluno juntamente com o professor irá produzir o conhecimento.

O trabalho de campo ao auxiliar o ensino de Geografia, caracteriza-se em um recurso metodológico que possibilita melhores formas de compreensão do espaço geográfico. O espaço geográfico é o ambiente em que ocorrem as interações dos objetos geográficos, naturais e sociais, que conjuntamente moldam o meio e produzem e reproduzem o espaço. Seguindo este raciocínio, em que abrangem a complexidade do grande número de elementos naturais e sociais que alimentam o espaço, é possível compreender a dificuldade de entender e ensinar o conceito de espaço geográfico em uma sala de aula.

Assim reforça-se mais uma vez a ideia do trabalho de campo como um instrumento de investigação para a ciência geográfica e um recurso metodológico para o ensino de Geografia. Porém, é necessário compreender que para o trabalho de campo ser eficaz e para alcançar os seus objetivos é necessário um planejamento de como este recurso será estruturado.

Segundo SILVA (2010) para o campo ocorrer bem é necessário pensar o Pré-Campo, Campo e Pós-Campo, ou seja, a preparação, a realização e os resultados. Pensar o pré-campo, quer dizer momento de determinar o tema a ser abordado, o planejamento das aulas teóricas, o roteiro do campo, esta etapa é o planejamento de como será ministrado o campo.

A programação da aula de campo inicia-se na metodologia da apresentação dos roteiros, observando de forma simples os pontos destacados pelo professor (análise), o objeto a ser estudado (objetivo), e a importância daquele estudo (finalidade). O pré-campo é fundamental para que o aluno acompanhe a trajetória a ser estudada e questione na curiosidade a indagação. E não, simplesmente aquela famosa frase que o aluno costuma ressaltar a cada parada: “O que é que eu estou fazendo aqui?”. O pré-campo vai nortear o aluno como uma representação da realidade. Quando o aluno estiver na aula de campo a sua mente já estarão abertas às reflexões, teórico-práticas que fundamentarão a pesquisa. (SILVA, 2010, p. 4 e 5)

Nesta etapa de decisões é importante que o professor conheça o local onde levará o seus alunos, por isso, caso não conheça é necessária à ida e o estudo da área, porque o professor tem que estar pronto para as dúvidas que partirem dos alunos e para um melhor planejamento dos horários da saída e do retorno a escola. Ainda nesta etapa, a qual se pode considerar a mais importante, é necessária a determinação dos objetivos do campo. A etapa de planejamento é importante, pois é neste momento que serão estabelecidos os objetivos que irão legitimar o trabalho de campo, enquanto recurso metodológico.

Com a definição dos objetivos é possível motivar os alunos, conduzir os alunos a um olhar. Segundo SILVA (2010) “O pré-campo pode assegurar bons resultados e estimular a curiosidade epistemológica do aluno”.

A segunda etapa, o campo, é a parte prática, a saída da escola, a visita aos locais planejados. Esta etapa depende totalmente da primeira, é o momento em que os alunos vão tentar atingir os objetivos pré-definidos. É importante ressaltar que nem tudo deve ocorrer necessariamente como o previsto, deve-se considerar que este trabalho envolve diferentes crianças, que possuem reações e tempos diferentes umas das outras. E por isso, o professor tem que estar preparado para situações adversas, assim como o cancelamento do campo, devido o mal tempo ou algum problema no meio de transporte, por exemplo.

O campo deve ser planejado pelo professor para que não se torne um passeio turístico, ou apenas uma saída da sala de aula. Mesmo dentro do campo o professor tem que se assumir como tal e os alunos como tais. Os trajés também devem ser levados em conta, afinal a turma está em aula. O campo não pode ser visto pelos alunos como uma aventura corriqueira, entre amigos, e até mesmo simples lembranças registrada por máquinas fotográficas. O campo é um lugar de discussão de ideias que agora são abstraídas pelos alunos e devem representar passos que transformem o seu jeito de pensar e refletir. O aluno precisa compreender que as teorias assumem um papel muito

importante na prática, e, que sem elas seria difícil compreender a realidade. (SILVA, 2010, p. 5)

Outro cuidado que se deve ter antes de ir a campo, o professor deve deixar claro para os alunos os principais objetivos do trabalho de campo, para que desta forma o campo não se torne apenas uma saída da escola.

O professor deverá orientar o aluno a fim de situá-lo no espaço geográfico a ser analisado. É indispensável que os alunos cooperem para que o professor consiga realizar a aula de campo de forma que o aprendizado seja prazeroso para ambos. A dinâmica da aprendizagem também é estritamente fundamental para a construção do conhecimento. O professor à medida que vai explicando os pontos destacados no pré-campo, ao mesmo tempo, vai instigar o aluno a pensar, refletir, construir e conceituar. Baseado nos conceitos geográficos a turma não vai simplesmente memorizar o conceito, ao contrário, irá compreender as relações que se estabelecem dentro do espaço, em esferas tanto sociais quanto naturais. (SILVA, 2010, p. 5 e 6)

Durante o campo é importante também destacar as diferentes abordagens que o professor deve oferecer aos seus alunos, respeitar o posicionamento de cada um deles, pois estes não são obrigados a partilhar das mesmas opiniões do professor. Neste momento o papel do professor é orientar. Como destaca SILVA (2010):

O trabalho de campo tem uma importância essencial na educação do aluno. E a execução dele exige determinados cuidados. Primeiro, a questão particular: devem ser abordados diferentes posicionamentos com relação ao mesmo objeto, permitindo-se ao aluno se encaixar de acordo com uma determinada visão. Segundo, a questão positiva e negativa: os dois lados da visão devem ser abordados da forma mais imparcial possível. E terceiro, a resposta ao professor: o aluno tem direito de escolher um posicionamento que não interfira na qualidade de seu trabalho e que deve ser respeitado pelo professor. O objetivo do trabalho de campo não é convencer um grupo a posicionar-se e agir como o mestre, mas analisar, refletir e transformar. (SILVA, 2010, p.8)

E a terceira etapa, o pós-campo, é a sistematização dos dados coletados e do conhecimento adquirido durante a viagem, a partir desta avaliação é possível delimitar os aspectos positivos e negativos do campo. Este é também um momento de reflexão, se o campo respondeu ou não as expectativas do professor e dos alunos e se ele poderá ser aplicado em outros momentos do ensino.

Ao final da atividade o terceiro e último ponto é o pós-campo, a discussão, as problematizações e a construção do conhecimento. A resposta do pós-campo pode ser dada de diversas maneiras, desde relatórios a maquetes. A análise do professor deve ser feita de forma imparcial em relação às suas particularidades. Esse processo de exercício para o aprendizado do aluno é

fundamentalmente importante. A dialética da teoria e da prática é expressa na realização do pós-campo e pode atingir resultados superiores ao esperado. A realidade vivida tanto pelos professores como pelos alunos tem como objetivo principal a extração da aprendizagem de forma sucinta e continuada. (SILVA, 2010, p. 8)

O pós-campo se justifica por ser um momento de construção do conhecimento do aluno e por ser uma etapa que proporciona também a interdisciplinaridade.

O pós-campo tem uma importância no caminho da educação, porque a construção do conhecimento é realizada nessa etapa e a interdisciplinaridade é melhor percebida. A construção do conhecimento que é feito pode proporcionar o aluno, com o apoio do professor, a fazer mesas-redondas junto a outras turmas, de forma a fazer interagir mais os alunos entre si para saciar a curiosidade epistemológica. (SILVA, 2010, p. 9)

Os conteúdos abordados na Geografia como a paisagem, lugar, território, espaços rurais, espaços urbanos, degradação ambiental dentre outros, podem ser ensinados em sala de aula a partir de imagens, vídeos e gravuras do livro didático, quando bem ministrado, pode ter um ótimo rendimento dentre os alunos, porém a realidade atual apresenta cada vez mais alunos desinteressados e professores cada vez mais desestimulados, por isso o trabalho de campo, apresenta-se como uma metodologia que procura buscar a atenção dos alunos. A partir desta metodologia é possível que os alunos possam observar e ter um maior contato com aquilo que está estudando em sala de aula. Além de conduzir o aluno e o professor a observar e entender os processos sociais que ocorrem no espaço geográfico.

É importante que as aulas teóricas não sejam deixadas de lado, pois elas possuem igual importância na educação. Afinal o trabalho de campo se caracteriza como um recurso que envolve a teoria e a prática. A proposta da utilização deste recurso é uma tentativa de facilitar o processo de ensino e aprendizagem do professor e do aluno. Por isso, é recomendável aliar as atividades de campo àquelas desenvolvidas na sala de aula e oferecer aos alunos a possibilidade de contatar o conhecimento em geografia através de estímulos da argumentação que podem ser adquiridas em campo.

O professor, ao elaborar um trabalho de campo, deve refletir acerca de uma metodologia que permita o desenvolvimento de um processo em que a apropriação do conhecimento e o seu uso levem os alunos a refletirem sobre o tema que está sendo abordado, o que sugere um ensino de Geografia qualitativamente melhor. Que por

sua vez irá oferecer ao aluno uma análise da argumentação, que caracteriza uma das maneiras de construção e reconstrução do conhecimento.

Para que o aluno se torne construtor de seu conhecimento, cabe ao professor o papel de dar a orientação necessária para que os conteúdos e conceitos sejam bem compreendidos pelos alunos, permitindo assim que eles possam entender as relações estabelecidas no seu ambiente de convívio, e também fora dele. (JUSTEN e CARNEIRO, 2009, p. 5 e 6)

A partir das reflexões e argumentações que o aluno adquiriu ao longo do trabalho de campo, tem-se a legitimação do conhecimento, em que o aluno será capaz de relacionar o que foi estudado em sala de aula com as observações realizadas durante o campo. Com isso, identificamos mais um ponto positivo na utilização do trabalho de campo como recurso metodológico, a capacidade de argumentação, que significa reconhecer as complexas interações existentes no processo de aprendizagem.

Desta forma, as aulas de Geografia que envolve o trabalho de campo podem ter grande potencial para estimular a capacidade de reflexão crítica e argumentação do aluno, além de relacionar o conhecimento adquirido em campo e no espaço formal de ensino, a sala de aula.

Essa é uma forma de unir as aulas ministradas em sala, que possuem a responsabilidade de fornecer o cenário dos conceitos, através do suporte visual, das aulas teóricas, e na hora do trabalho em campo é possível visualizar esse cenário, através das observações, que abrange as relações espaciais necessárias.

Para que o trabalho de campo seja eficaz é necessário que haja um estímulo por parte do professor para a argumentação e a reflexão, e este estímulo pode ser oferecido a partir do planejamento antecipado do campo, da utilização de mapas, GPS, roteiros de campo e etc.

É relevante apontar que a partir das interações que ocorrem ao longo do trabalho de campo, propõe-se a reflexão crítica e a argumentação científica, o que demonstra a relevância do trabalho de campo não só a para o ensino da ciência geográfica, como as demais. O trabalho de campo proporciona a utilização dos espaços não formais de ensino.

[...] os espaços não-formais de Educação. Duas categorias podem ser sugeridas: locais que são Instituições e locais que não são Instituições. Na categoria Instituições, podem ser incluídos os espaços que são regulamentados e que possuem equipe técnica responsável pelas atividades executadas, sendo o caso dos Museus, Centros de Ciências, Parques Ecológicos, Parques Zoobotânicos, Jardins Botânicos, Planetários, Institutos

de Pesquisa, Aquários, Zoológicos, dentre outros. Já os ambientes naturais ou urbanos que não dispõem de estruturação institucional, mas onde é possível adotar práticas educativas, englobam a categoria Não-Instituições. Nessa categoria podem ser incluídos teatro, parque, casa, rua, praça, terreno, cinema, praia, caverna, rio, lagoa, campo de futebol, dentre outros inúmeros espaços. (JACOBUCCI, 2005 p. 2 e 3)

Portanto, o trabalho de campo é um recurso metodológico de grande importância para o ensino de geografia, porque oferece a possibilidade de revelar as potencialidades formativas que os alunos possuem e que devem ser levadas em consideração durante o processo de ensino e aprendizagem.

O trabalho de campo, saída de campo ou excursão didática não pode ser de fato, considerado apenas com uma oportunidade de sair da sala de aula, ou das aulas expositivas. Este é um momento de interagir com o meio fora da sala, é uma didática diferenciada que pretende prender mais a atenção dos alunos.

2.2. Os Tipos de Trabalho de Campo

A Geografia é uma ciência que estuda as interações entre o homem e a natureza sobre a superfície terrestre e a partir desta relação, abre-se um leque de temas que esta ciência aborda como, por exemplo, o relevo, os tipos de solo, a hidrografia, vegetação, pedologia, relação dos seres humanos com o ambiente, atividades sociais, fluxos de migração, conflitos sociais, dentre outros temas.

Entende-se que a Geografia é também uma ciência que abrange o cotidiano social, sendo desta forma, indispensável para a formação dos alunos no processo educacional. Lembrando mais uma vez que é de grande relevância a compreensão espacial dos elementos e fenômenos que configuram o espaço, para que durante a sua formação docente os alunos se reconheçam como produtores e modificadores do espaço geográfico. Tal compreensão é citada devido as suas contribuições para o desenvolvimento dos alunos em cidadãos capazes de se reconhecerem como sujeitos dos processos históricos e políticos da humanidade.

Muitas vezes a linguagem trabalhada em sala de aula é desprovida de sentido para os alunos, pois os conteúdos estudados são abstratos. Ao refletir sobre tal questão é necessário pesquisas de novas metodologias de ensino que possibilitem melhor compreensão aos alunos. Assim, o trabalho de campo destaca-se como uma metodologia que pode auxiliar os professores e alunos na compreensão espacial, pois o

campo é o momento de concretizar parte do que foi estudado em sala de aula. Porém, apenas a saída a campo não representa o trabalho de campo discutido ao longo deste trabalho. E para que o trabalho de campo seja útil tanto para o aluno quanto para o professor, é necessário que exista um planejamento, como citado no item anterior.

É de extrema importância que antes da saída à campo fique claro para os alunos o objetivo da atividade, para que desta forma, ao longo do campo, eles sejam capazes de fazer associações entre o que estudaram em sala de aula e o que estão observando no momento do campo, isso contribui para um direcionamento no olhar do aluno. Outra etapa importante para o professor é a identificação sobre o tipo de trabalho de campo, que irá propor aos seus alunos.

A pesquisa realizada revelou ser difícil encontrar referências bibliográficas que discutam os tipos de trabalho de campo existentes, mas isso não impede o reconhecimento do campo através dos seus objetivos pré-estabelecidos. A partir dos objetivos claramente discutidos, é possível o professor determinar se este trabalho de campo possui um caráter mais social ou físico, se haverá coleta de dados, amostras ou se tratará apenas em um trabalho de campo de observações e sistematizações de dados. Este processo de reconhecimento do tipo de campo possui grande relevância, pois a partir dele o planejamento fluirá de melhor maneira.

Deixar previamente estabelecido quais são os objetivos, auxilia os alunos a traçarem o seu olhar, a não dispersarem tanto durante o trabalho de campo e assim podem dar mais atenção àquilo que o professor deseja discutir ao longo da aula em campo.

A partir de pesquisas bibliográficas sobre os tipos de trabalho de campo, outros entraves ou novos questionamentos aparecem. Os trabalhos de campos mais realizados estão associados à área física da geografia, às técnicas de campo e à utilização de laboratório e poucos trabalhos de campo relatam a questão social.

Ao longo deste capítulo, uma referência bibliográfica foi bastante utilizada “Praticando Geografia: Técnicas de campo e laboratório”, organizado por Luis Antonio Bittar Venturi (2005). Trata-se de um livro que reúne alguns artigos acadêmicos sobre as diferentes tipologias de campo. É neste livro que está baseada as categorias, tipos de trabalho de campo mencionadas ao longo do texto.

Segundo tal referência, existem diversas formas de explorar o trabalho de campo, de modo que possa melhorar o processo de ensino e aprendizagem. Dentre eles

é importante destacar que a partir do momento em que está estabelecido o objetivo do campo, o professor deve delimitar o seu roteiro, programa-lo e planeja-lo com antecedência para que o campo ocorra da melhor maneira possível. Pois, como trata-se de uma aula teórica e prática, deve-se considerar falhas na programação, como por exemplo, atraso no transporte, dos alunos ou professores, o clima, dentre outros entraves, já mencionados anteriormente. Assim é sempre recomendável que o professor esteja preparado caso algo de errado aconteça e o trabalho de campo seja interrompido.

Considerando as várias áreas de estudo da Geografia, deve-se compreender também que existem diferentes trabalhos de campo, como dito anteriormente. Os quais necessitam de diferentes abordagens e metodologias. Ao longo do texto apresentam-se alguns tipos de trabalho como a geomorfologia, pedologia, biogeografia, climatologia e as etapas utilizadas em cada um deles.

O trabalho de campo que envolve a Geomorfologia constitui-se em um campo que exige uma pesquisa em laboratório, em busca de referências bibliográficas, mapas cartográficos e documentação existente como teses, artigos, livros, imagens de satélites, mapas temáticos e dentre outras ferramentas de pesquisa, durante o seu processo de planejamento. Assim quando o professor sair a campo ele poderá utilizar de outros instrumentos como mapas de localização, vegetação ou o que melhor abordar o tema trabalhado naquele momento.

No caso deste campo, pode-se dividi-lo em três etapas: o primeiro momento trata-se das pesquisas feitas em laboratório, o segundo na observação e descrição dos fatos, e o terceiro que refere-se à sistematização dos dados coletados, quando for o caso ou sistematização de tudo que foi tratado e estudado em campo.

Na área física pesquisas que envolvem a geomorfologia são muito comuns. As pesquisas em Geomorfologia, como em qualquer outro ramo das ciências que estudam a Terra, percorrem três etapas: trabalho de gabinete ou escritório, trabalho de campo e trabalho de laboratório. (ROSS e FIERZ, 2005, Pag. 69)

Ao realizar um trabalho de campo sobre Pedologia é necessário muitos cuidados, pois existem vários tipos de solo, o que exigem uma observação mais cuidadosa e criteriosa. O estudo da pedologia abrange desde a análise da gênese, fertilidade, erosão, uso do solo ao papel desempenhado pelo solo na superfície terrestre. O trabalho de campo que possui foco em pedologia também se divide em três etapas, as quais uma depende da outra: gabinete que refere-se ao momento do planejamento e da pesquisa

para a construção do planejamento, o campo, neste caso a saída a campo, propriamente dita e o laboratório, momento em que as amostras geralmente coletadas são analisadas.

Em Pedologia, a escolha da técnica a ser utilizada é definida pela problemática abordada. As técnicas para estudar solos são numerosas e envolvem observação, análise, representação cartográfica e abrangem diferentes níveis de complexidades. (MANFREDINI e DIAS, 2005, Pag. 85)

Desta forma, compreende-se que durante estas etapas, será feita primeiramente a escolha de pontos de observação, a técnica que será utilizada durante o campo, como por exemplo, a observação de tradagem (coleta de solo em profundidade com trado) trincheira ou barranco e por fim a observação das características morfológicas do solo, como a cor, horizonte, textura, atividades biológicas.

Outra área da Geografia, que o trabalho de campo pode ser interessante, é a área da biogeografia, a qual estuda a distribuição geográfica dos seres vivos na superfície terrestre. Inicialmente, um trabalho de campo nesta área envolve uma análise de ocorrências naturais ou antrópicas no campo, para que desta forma seja possível a elaboração de mapas de distribuição de espécies, comunidades e ecossistemas.

Trata-se de um trabalho de campo que exige um planejamento prévio, além do reconhecimento das fronteiras do local a ser estudado, para que assim seja mais fácil o reconhecimento das diferentes espécies presentes. E mais uma vez utiliza-se o laboratório para a análise e sistematização dos dados coletados em campo.

A palavra *biogeografia* quer dizer geografia da vida ou distribuição geográfica dos seres vivos. Os biogeógrafos são aqueles profissionais que procuram compreender os diferentes padrões de distribuição dos animais e das plantas na Terra. Buscam reconstruir esses padrões para entender como se processaram as modificações morfológicas de animais e plantas, quais suas causas e como isso aparece refletido no espaço geográfico, utilizando diferentes escalas espaciais e temporais da história da Terra. (FURLAN, 2005, Pag. 99)

Um recurso bastante utilizado na Biogeografia é a informática, na produção de cartas topográficas em UTM, que auxilia na identificação de espécies. Para auxiliar também é utilizado o GPS, como método areográfico, que possibilita maior precisão no mapeamento de pontos.

Durante os trabalhos de campo que envolve a Biogeografia, deve-se considerar que o objeto de estudo é fundamentalmente abstrato, sendo de difícil compreensão para o ser humano, assim o trabalho de campo que envolve Climatologia é necessário à

utilização de dois recursos: o uso de instrumento artificial e a observação de processos em sua evolução temporal.

A Climatologia é uma área de grande destaque, os trabalhos de campo que envolvem tal temática necessitam de uma observação preliminar, e elaboração de hipóteses, ou questões problemas, para que desta forma, o pesquisador defina a melhor metodologia para estudar o local escolhido. Após a observação inicial, o pesquisador também utiliza as amostragens através de instrumentos registradores. Este é um trabalho de campo que envolve muitos custos, por isso, a etapa de planejamento é fundamental.

A despeito de boa parte das concepções teóricas colocarem a Climatologia em posição de destaque na explicação das feições e processos superficiais, na prática normalmente defrontamo-nos com o paradoxo da ausência de mapas climatológicos adequados à escala em que se trabalha. Isto decorre do fato de a construção do conhecimento e a investigação sistemática – substrato basilar de representação sintética num mapa – processarem-se em velocidade e ritmo variados. Significa dizer que os diversos campos do conhecimento que versam sobre a delgada e complexa interface de todas as esferas do planeta não estão na mesma fase do seu desenvolvimento. (AZEVEDO, 2005, Pag. 131)

No caso dos estudos das bacias hidrográficas, é subsidiada grande parte pela legislação e do planejamento territorial e ambiental do Brasil. Porém, raramente os seus estudos conseguem chegar a definições ou conclusões exatas sobre a pesquisa, devido este sistema estar associado à área hidrológica e geomorfológicas, e que estão em constante movimento. Como afirma RODRIGUES (2005):

A escolha dos procedimentos mais adequados de pesquisa depende de conceitos precisos. Desta escolha depende também a eleição das técnicas, que sempre dependerão da utilização correta dos conceitos científicos disponíveis. Por isso, especialmente para as disciplinas relacionadas às ciências da Terra, a definição precisa do conceito-categoria bacia hidrográfica é de fundamental importância. Tal definição implica, também, a definição dos limites espaciais internos e externos em que diversos e interligados processos desse sistema operam. (RODRIGUES, 2005, Pag. 147)

A pesquisa associada às Bacias hidrográficas é um estudo que envolve tanto o caráter físico da Geografia, quanto o social, uma vez que a presença de uma bacia hidrográfica afeta diretamente a vida dos habitantes aos arredores, e por isso é comum pesquisas que estudam a relação e a influência de uma bacia hidrográfica na população local.

[...] Saber utilizar recursos de descrição da realidade observada para divulgação de resultados de pesquisa, ou utilizar programas e equipamentos

de informática, faz parte de uma realidade que não se pode descartar por razões simplesmente ideológicas ou político-partidárias. A utilização da tecnologia, mesmo quando tal configure retomadas de procedimentos tidos como *tradicionais*, tem resultado em situações curiosas, pela falta de maior capacitação de estudiosos, como a procura de explicações sociais para certos fenômenos naturais. (MARANGONI, 2005, Pag. 167)

Quando o trabalho de campo abrange o caráter físico e social, ele utiliza de diferentes métodos e metodologias. Ao estudar o caráter social é muito comum a utilização de questionários e entrevistas como fonte de pesquisa.

O questionário é um bom e, por vezes, insubstituível instrumento para a obtenção de dados *quantitativos*, embora nada impeça que sirva ao propósito de obter informações *qualitativas*. (MARANGONI, 2005, Pag. 168)

Este recurso permite obter informações e dados referentes às relações sociais, as pessoas. O que determina se o questionário terá caráter quantitativo ou qualitativo é o propósito do seu estudo e não a corrente filosófica do pesquisador. A utilização do questionário passa por um processo que compreende diferentes etapas, as quais umas dependem das outras: elaboração do questionário, a sua aplicação e o tratamento e sistematização das informações coletadas.

Ao fazer uma pesquisa que necessite de dados qualitativos, o que melhor atende esta necessidade são as entrevistas, as quais promovem a obtenção direta das informações, embora também possam fornecer dados de caráter quantitativo.

Na aplicação de questionários é necessária a produção de um instrumento de pesquisa que possibilite a quantificação e análises das informações. E no caso das entrevistas, o instrumento necessário é o roteiro, que deixe claro o propósito do uso da entrevista.

Na realização de entrevistas, mais que na aplicação de questionários, a forma de abordagem e a linguagem utilizada, a habilidade do entrevistador, o conhecimento prévio sobre o assunto em pauta, o conjunto de informações sobre o entrevistado, podem significar desde o mais desejável sucesso ao mais completo fracasso na obtenção de informações desejadas. É maior o risco de direcionamento de respostas ou de assuntos e maior é a dose de paciência necessária para retomar o curso da entrevista, quando o entrevistado deriva por recordações e considerações não diretamente ligadas ao interesse do pesquisador. Até mesmo o modo de vestir-se e comporta-se pode comprometer o resultado potencial de uma entrevista. (MARANGONI, 2005, Pag. 173)

As entrevistas utilizam de outros instrumentos como as anotações, fotos, gravação de voz, gravação de imagem, e tais recursos auxiliam a manter a fidelidade ao

que foi pesquisado.

As imagens também são instrumentos aliados ao campo, porém também devem estar incluídas no planejamento, para que desta forma, os alunos ou pesquisadores, levem os equipamentos tecnológicos necessários.

Em Geografia, a imagem ilustra e documenta eventos naturais e sociais que ocorrem num determinado tempo e lugar e deve ser acompanhada de outras informações, como localização geográfica, ângulo de visada, registro da hora e da data e relato do fato observado. Essas anotações são importantes na composição dos trabalhos, na verificação de resultados e no acompanhamento dos fenômenos ao longo do tempo. (JUSTINIANO, 2005, Pag. 187)

Dentre as possibilidades de trabalho de campo apresentadas, elas possuem em comum um planejamento antes do campo, neste momento de planejamento também está inserida a parte de estudos e reconhecimento do local, a saída a campo, e o pós-campo que é momento de observar as amostras, quando o trabalho de campo tiver coleta de dados e a sistematização destes dados. Assim, como proposto no capítulo anterior, o trabalho de campo pode ser dividido em três etapas: Pré-Campo, Campo e Pós-Campo, SILVA(2010).

O objetivo de demonstrar diversos tipos de trabalho de campo é mostrar o quanto é importante a fase do planejamento. Dentre os campos apresentados neste capítulo todos necessitam de planejamento par alcançar um resultado satisfatório. Não existe a certeza que o trabalho de campo conseguirá atingir com sucesso os objetivos, porém, existem etapas que a auxiliam no bom desenvolvimento em tal instrumento de pesquisa.

Assim como demonstrado, o trabalho de campo não é apenas o ato de sair a campo, este se inicia no seu planejamento, pesquisa e estudos antes da sua prática. E ao ser finalizado é importante que ocorra uma sistematização de tudo que foi estudado, pesquisado, desenvolvido, observado e descrito.

CAPÍTULO 3: O TRABALHO DE CAMPO E O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA ESCOLA ESTADUAL EMÍLIO JARDIM

Como foi apontado nas discussões dos capítulos anteriores, este trabalho se propõe a debater a importância do trabalho do campo para o Ensino de Geografia, e possui como principal foco compreender as relações que dificultam o desenvolvimento dos trabalhos de campo na escola da rede estadual de Coimbra – MG. O objeto desta pesquisa abrange a escola Estadual Emílio Jardim e a população estudada compreende a direção, professores de Geografia e os estudantes do 6º ano do ensino fundamental II.

A escolha de tal escola foi realizada por diferentes motivos, o primeiro por se tratar da escola que estudei todo ensino fundamental II e ensino médio, segundo, o local onde foram adquiridas experiências sobre os espaços escolares durante o Estágio Supervisionado, e terceiro por ter lecionado em tal escola durante dois anos.

O critério para a escolha da turma do 6º ano baseou-se no conteúdo que a turma estava estudando. O trabalho de campo realizado nesta turma iria acontecer independente desta pesquisa, porém a professora que ministra as aulas e efetuou o trabalho de campo permitiu o acompanhamento do campo, além de fazer observações durante toda a etapa que se julgava necessário para melhor a compreensão dos alunos. É importante ressaltar que, enquanto pesquisadora, não houve influências na metodologia utilizada pela professora. O trabalho de campo realizado possibilitou a identificação de algumas hipóteses levantadas ao pensar o tema para este trabalho, assim como a confirmação de algumas dessas hipóteses iniciais.

A escolha da população estudada: diretor, professor e alunos, justificam-se por serem agentes escolares que possibilitam a construção do conhecimento escolar, incluindo o geográfico. E o que surgiu de curioso e interessante nesta pesquisa é que o atual diretor na escola é formando em Geografia e atua a mais de 17 anos na sala de aula, o que possibilita fazer uma relação entre as dificuldades enfrentadas pelo professor na sala de aula e no campo, e os entraves vivenciados pelo diretor durante a sua gestão escolar.

No município de Coimbra existem apenas duas escolas, sendo uma municipal e a outra estadual: Escola Municipal Padre Jaime Antunes de Souza e Escola Estadual Emílio Jardim. Tais escolas recebem alunos, respectivamente, da educação infantil e ensino fundamental I e ensino fundamental II e o ensino médio. Assim, as crianças da

cidade passam pelas duas escolas, desde a sua alfabetização até a formação do ensino médio.

Como auxílio na identificação da opinião dos agentes escolares da Escola Estadual Emílio Jardim frente à importância da realização do trabalho de campo na disciplina de Geografia, foram realizadas algumas entrevistas semi-estruturadas e direcionadas principalmente ao diretor e à professora de Geografia. As entrevistas também foram gravadas e transcritas com a autorização dos entrevistados, porém o nome os nomes não serão citados com o intuito de manter a identidade em sigilo.

Abaixo segue um mapa de localização do município de Coimbra, recorte espacial desta pesquisa.

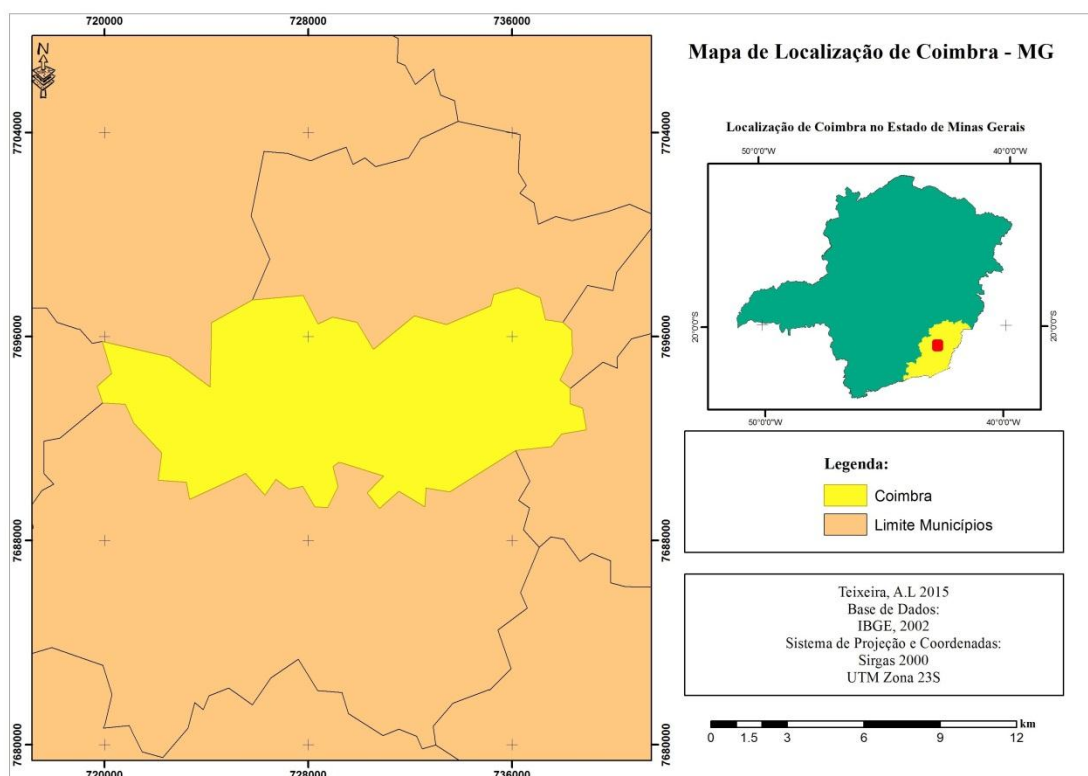


Figura 1: Mapa de Localização do Município de Coimbra – MG
Fonte: Angélica Ladeira Teixeira

3.1. Procedimentos Metodológicos da Pesquisa

Para a realização deste trabalho foram necessários 7 diferentes momentos de estudos e pesquisas. O primeiro momento caracterizou-se como pré-requisito para a disciplina de Seminário de Pesquisa I. Nesta etapa, foi feita a escolha do tema, “A importância do trabalho de campo para o ensino de geografia”, a escolha do orientador e a escrita de um projeto, em que fossem expostas as principais inquietações sobre o tema, e como o trabalho se desenvolveria.

O segundo momento foi essencialmente a escrita do projeto, momento em que foram necessárias muitas leituras e releituras, feitas ao longo da participação no PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) durante os anos de 2013 e 2014. Ao longo deste período foram feitas muitas pesquisas bibliográficas em livros, artigos, monografias, dissertações e teses.

O terceiro momento ocorreu após o projeto da disciplina Seminário de Pesquisa I ficar pronto. Nesta etapa a pesquisa foi planejada, foram eleitos os capítulos que o trabalho possuiria e quais os principais autores seriam utilizados, necessitando assim de mais leituras e pesquisas bibliográficas. Ainda nesta etapa, foi produzido um sumário comentado (um plano de redação), que explicava o que seria trabalhado em cada capítulo, deixando assim a monografia semiestruturada.

Durante o quarto momento, o trabalho começou a ganhar forma, a parte do referencial teórico foi escrito e a pesquisa empírica planejada. Momento de entrar em contato com os gestores e professores da escola. A partir deste primeiro contato, iniciou-se a quinta etapa, desenvolver a estrutura de uma entrevista que seria feita junto ao diretor e à professora de geografia. Com as perguntas estabelecidas (apêndice 1) as entrevistas foram feitas na própria escola, gravadas e transcritas, de forma que mantivesse a legitimidade do que foi apontando pelos entrevistados. A entrevista com um dos supervisores não havia sido programado durante a elaboração do projeto, porém este profissional se mostrou disponível e disposto a comentar a importância do trabalho de campo, o que enriqueceu mais a pesquisa.

O sexto momento, a análise do próprio trabalho de campo, foi dividido em outras três etapas: Pré-Campo, Campo e Pós-Campo. Nesta etapa foram necessárias a presença do pesquisador mais vezes na escola e o acompanhamento de algumas aulas. A professora de geografia, estava trabalhando com a sua turma do 6º ano, do ensino

fundamental II, o conteúdo biomas brasileiros. Ela desenvolveu com a turma cerca de três aulas sobre a temática e uma quarta aula, convidando os alunos para um trabalho de campo no Horto Florestal, na Universidade Federal de Viçosa, localizado no município de Viçosa, município vizinho do em que esta localizada a escola.

Durante esta aula, foi mostrado um pequeno roteiro de como seria o trabalho de campo, bem como o horário de saída e volta para escola, e o que os alunos deveriam levar. A próxima aula já se tratava do próprio trabalho de campo, as principais observações e impressões estão mais a frente. E logo após a volta a escola, mais uma aula foi dedicada ao que foi observado durante a viagem.

O sétimo momento caracterizou-se pela confrontação dos objetivos propostos no projeto, bem como a confirmação de algumas hipóteses e as sistematizações das observações feitas durante as pesquisas.

3.2. Escola Estadual Emílio Jardim

A Escola Estadual Emílio Jardim foi fundada pelo Decreto nº 9.045, em 11 de agosto de 1929. Recebeu este nome em 1950, em homenagem ao Deputado Emílio Jardim que lutou para unificar as escolas primárias existentes em Coimbra. Ao lado de Emilio Jardim esteve o Sr. Ernesto Lopes Soares, que ficou responsável pela construção do prédio. Juntamente com a escola é inaugurada a biblioteca que anos mais tarde recebeu o nome de Célia Jardim Castro em homenagem a filha do deputado Emílio Jardim.

Inicialmente o objetivo da escola era ministrar o ensino pré-escolar até a 4º série. Porém, através da resolução nº 4863/84 passou a ministrar também as aulas direcionadas a 5º série até a 8º série. E somente em 1987, a partir do decreto nº 26703 a escola passa a receber alunos do Ensino Médio. Em 1998, a partir da municipalização do ensino pela resolução 9312, de 14/03/ 98, a escola deixa de atender os alunos do pré-escolar. Mantendo até os dias atuais o atendimento do ensino fundamental II e o Ensino Médio. Como esta registrado no blog que as escola mantém: <http://emiliojardim.blogspot.com.br/p/historia.html>.

Atualmente o município de Coimbra possui duas escolas: Escola Municipal Padre Jaime Antunes de Souza e a Escola Estadual Emílio Jardim. As escolas estão localizadas na região central do município de Coimbra.



Figura 2: Faixada da Escola Estadual Emílio Jardim.

Fonte: <http://emilijardim.blogspot.com.br/p/historia.html>

3.3. A Visão da Direção Escolar Sobre o Trabalho de Campo

Ao longo da elaboração das perguntas que seriam feitas durante as entrevistas, a principal preocupação era de como conseguir averiguar a opinião tanto do diretor como do professor, sobre a importância do trabalho de campo para o ensino de Geografia, a frequência de ocorrência de saídas da escola, e os mecanismos de viabilização para a realização do trabalho de campo.

Ao longo da entrevista com o diretor foi possível identificar que ele entende a importância do trabalho de campo para o processo de ensino-aprendizagem do professor e do aluno, porém destaca que alguns entraves, principalmente de caráter burocrático aparecem ao longo do planejamento de um trabalho de campo, como é possível identificar durante a sua fala:

“[...] a grande dificuldade do trabalho de campo é deslocar, sair com os meninos da escola. Às vezes a gente tem dificuldade de conseguir o ônibus

da prefeitura, porque eles tem que transportar os alunos durante o dia. [...]Só que a prefeitura sempre está cedendo, mas, às vezes não podem por questões de contenção de despesas, por questão de estar utilizando o ônibus para outros fins também”.

Como exposto no item anterior, o município de Coimbra possui duas escolas, uma municipal e outra estadual, assim a prefeitura oferece ônibus escolar para o transporte de alunos que moram na zona rural do município e de áreas um pouco mais afastadas da escola e com isso este transporte também é oferecido aos alunos da escola estadual, mesmo não sendo responsabilidade da prefeitura, pois a escola estadual recebe recursos diretamente do estado.

Portanto, quando existe a necessidade de sair da escola com os alunos, a secretaria não dispõe de recursos suficientes para o transporte, então com um acordo firmado entre a direção e a prefeitura, os transportes do município são disponibilizados quando possível para a escola estadual. É importante que este caso se trata de um acordo, que pode terminar ao fim do mandato, ou por falta de verba da prefeitura, uma vez que não é responsabilidade dela arcar com os gastos de uma escola que recebe verbas do Estado de Minas Gerais.

É importante então atentar ao fato de que, desta forma, os trabalhos de campo devem ser planejados de acordo com a disponibilidade dos ônibus escolares da outra escola. E para isso é necessário informar ao secretário de transporte do município a data, o horário de ida e volta, reservar o ônibus, porém tudo isso é feito a partir de um documento, para oficializar a saída dos alunos da escola.

Ainda sobre as dificuldades na realização do trabalho de campo, o diretor aponta outros entraves como a falta de recurso financeiro:

“[...] para elaborar um trabalho, às vezes a gente esbarra na burocracia, questão de ter que tirar menino da escola, precisa da autorização dos pais, aí tem a questão dos ônibus.”

“[...] na verdade, a gente não tem recurso para tirar o aluno da escola, agora que a gente está recebendo recurso do PROEM. O PROEM é um programa do governo estadual, que seria um projeto voltado para comprar recursos permanentes para a escola, recursos permanentes e materiais de consumo também e um desses itens é viajar com os meninos”.

A falta de recurso financeiro foi um dos apontamentos nas hipóteses durante a elaboração do projeto. E a partir da entrevista com o diretor foi possível identificar outros entraves como a autorização dos pais dos alunos, pois muitas vezes os pais não

compreendem a importância de uma aula feita fora da escola. Desta forma, pode ocorrer o caso dos pais de alguns alunos não poderem ir a campo, sendo necessário desta forma outro profissional para que fique na sala de aula com os alunos.

Algo que chamou a atenção foi o PROEM (Programa do Ensino Médio Inovador) um programa até então desconhecido na pesquisa. Como explicado pelo diretor, é um programa do governo estadual, que visa compra de materiais para a escola, e que também possibilita a saída dos alunos da escola, porém este recurso é recente, e não consegue abarcar com todas as despesas que um trabalho envolve.

O atual diretor da escola estadual deixa claro que é a favor dos trabalhos de campo não apenas para o ensino de geografia, mas também para as demais disciplinas, porém sempre ressalta os entraves enfrentados para a realização do campo.

“Ah, é fundamental, o trabalho de campo, mas como a gente já falou, a gente tem os obstáculos para fazer. A questão do aprendizado, eu acho que fica bem mais concreto para o aluno, não é! Ele se interessa mais, com certeza é bem mais... é importante”!

“A escola apoia, mas às vezes a própria superintendência tem que autorizar a saída também da escola. Porque tem épocas que a superintendência, o governo do estado não autoriza a saída de alunos da escola. Por vários motivos. Então a burocracia é o maior obstáculo”.

Assim, pode-se considerar que o diretor acredita na importância da realização do campo, o que é algo positivo, uma vez que caso o trabalho de campo tenha o apoio da direção escolar poderá alcançar maior sucesso, devido ao envolvimento de todos os agentes escolares.

No que tange a ocorrência de trabalhos de campo na escola, verifica-se que esse tipo de atividade ocorre eventualmente, devido às dificuldades enfrentadas quanto à parte burocrática. Os trabalhos de campo ocorrem de acordo com necessidades dos professores, e conforme o conteúdo que está sendo trabalhado pela disciplina. E outras disciplinas como biologia, história e sociologia, também utilizam este recurso metodológico.

3.4. A Visão do Professor de Geografia Sobre o Trabalho de Campo.

Durante a entrevista feita à professora de Geografia procurou-se averiguar se ela já havia participado de trabalhos de campo durante a sua formação acadêmica, se ao longo da sua carreira docente realizou trabalhos de campo, as principais dificuldades

enfrentadas na realização dos campos, a relevância do trabalho de campo para o ensino de Geografia e se durante as reuniões de planejamento escolar o trabalho de campo é discutido.

A professora se formou há pouco tempo, em janeiro de 2012 e desde então atua na sala de aula, formou-se pela Universidade Federal de Viçosa – UFV, universidade esta que está localizada no município vizinho a Coimbra, o que facilita a utilização de alguns espaços, como museus e laboratórios.

Ao ser questionada se participou de trabalhos de campo ao longo da sua graduação, ela relata:

“Então, eu participei de vários trabalhos, a maioria deles estava relacionado à geografia física e principalmente a área de solos, geomorfologia, conheci muito o Espírito Santo, Diamantina também e foram as melhores partes do curso, assim. Pois era onde a gente sai da sala de aula e ia conhecer o que a gente aprendia e aplicar o que a gente aprendia na sala de aula né! Foi muito bacana mesmo, era um trabalho super bem organizado, com objetivos muito claros e muito eficazes, assim de fazer a gente entender, assim o porquê daquilo nas disciplinas né”!

A partir do aprendizado adquirido ao longo da graduação a professora percebe a relevância do trabalho de campo para o ensino de geografia, e deste modo esta professora também aplica esta metodologia aos seus alunos. Mas assim como as tipologias de trabalho de campo discutidos no capítulo anterior, a grande parte dos trabalhos de campo em que participou possuía caráter físico.

Foram muitos não, mas eu já levei os meninos na.. tentando aproveitar mais os espaços que a UFV oferece né! Eu levei os meninos no museu, mais de uma vez, em outra escola que eu também trabalhei, na Mata do Paraíso, na COPASA ali em Coimbra mesmo, e foram legais. Os meninos gostam muito e eles pedem para levar em eles em algum lugar né! Eu tento levar quando tem a ver com o conteúdo que eu estou dando para não ficar vazio.

É importante destacar na fala da professora a preocupação de não deixar o trabalho de campo aderir características de um passeio, esta metodologia somente faz sentido quando acompanhada de uma teoria bem fundamentada, para que desta forma não se transforme apenas em um passeio. Esta articulação entre a prática e a teoria são inteira responsabilidade do professor, quando ele consegue promover esta articulação facilita o seu trabalho e o aprendizado dos alunos durante o campo.

A partir da utilização deste recurso metodológico, a professora também relata as suas principais dificuldades no desenvolvimento do campo:

“As minhas dificuldades, eu posso falar que são dificuldades de duas origens diferentes vamos dizer assim: Uma em relação à escola, porque é difícil conseguir ônibus, arrumar professor para ficar com as turmas que eu daria aula no caso, pra me substituir, tem que arrumar atividade, arrumar gente para ir junto, às vezes supervisor tem que deixar a escola para ir, e isso é bem complicado. E outro, eu acho que é sobre os alunos mesmo uma falta de interesse muito grande. Eles veem sair da escola como passear, eles falam vamos fazer uma excursão, aí eu falo, na escola a gente não faz excursão, a gente faz trabalho de campo gente. E muitas vezes eles não aproveitam o espaço como deveriam né! Ficam conversando entre eles o tempo todo, a gente tem que ficar chamando a atenção e poderia aproveitar e isso da uma desanimada mesmo de levar. E por isso que tem turma que a gente não consegue, porque os meninos, os meninos são mais indisciplinados, e não da pra realizar o trabalho com todas as turmas, porque é muita responsabilidade, tirar meninos da escola né! Tirar menino da escola e depois acontece alguma coisa, fica nas costas da gente”.

Dentre as dificuldades apontadas pela professora, algumas foram levantadas como hipótese desta pesquisa, como a dificuldade de conseguir transporte, outros profissionais para acompanhar o campo, pois a retirada de outro profissional da escola acarreta em mudanças no funcionamento escolar e a retirada do supervisor da escola, uma vez que outras turmas podem precisar do seu auxílio durante o horário de aula na escola, além das suas atividades burocráticas.

Outra dificuldade que ela relata e que não estava prevista nesta pesquisa é falta de interesse dos alunos de se envolverem no trabalho de campo, e de explorarem aquilo que está ao alcance de suas mãos. E este fato faz com que muitas vezes desestime o próprio professor a se dedicar ao planejamento de uma aula diferenciada. O que também chama a atenção na fala da professora, é que muitas vezes não são todas as turmas que têm a oportunidade de saírem a campo, isso porque não possuem bom comportamento em sala de aula, o que leva muitas vezes ao receio dos professores de assumirem a responsabilidade de um trabalho fora da sala de aula.

Neste momento outra discussão se abre e que mereceria outro trabalho, o “abandono” de algumas turmas, as chamadas problemáticas. Geralmente, trata-se de turmas formadas por alunos mais carentes e com grande déficit de atenção e aprendizado. Tais turmas necessitam de trabalhos especiais, que consigam despertar o interesse dos alunos. A falta de interesse dos alunos algumas vezes pode causar a evasão escolar, como mostra os dados do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais):

Durante o ano letivo, cerca de 1 milhão de estudantes abandonam o ensino médio na rede pública. Isso equivale a 16,9% das matrículas. Na rede privada, a taxa de abandono não chega a 3%. O índice nacional, incluindo as duas redes é de 15%. No ensino fundamental, 2,9 milhões deixam, anualmente, a escola, mas, enquanto na rede privada a taxa de abandono é de 1%, na pública é de 10,4% (INEP/MEC, 2001)

A falta de interesse tanto por parte do aluno quanto do professor reforça a pouca utilização desse recurso metodológico, porém reconhece-se que este recurso é bem menos utilizado e aproveitado do que poderia, tanto por parte do professor quanto pelo aluno.

“Eu acho muito importante, porque é uma grande dificuldade dos alunos para mim é a questão da abstração. Você abstrair alguns conteúdos é muito difícil para os meninos, principalmente para os meninos mais novos e para os mais velhos às vezes o conteúdo fica muito maçante e muito chato. Então o trabalho de campo, no trabalho eles podem conhecer, podem tocar, podem tirar as dúvidas, podem sair do ambiente da sala de aula, e ir para um espaço onde eles vão aplicar o que eles aprenderam lá dentro. E, além disso, as aulas vão ficando mais atraentes, porque você consegue relacionar o conteúdo lá teórico com exemplos mais práticos e de uma certa forma, todos eles gostam muito, é muito interessante mesmo”.

Como demonstrado pela professora é um recurso que facilita na abstração dos conteúdos trabalhados em sala de aula. Principalmente com os alunos mais novos, momento em que ainda eles estão muitos presos ao campo visual e palpável e para os alunos mais velhos, o campo tenta atrair o interesse, para que desta forma as aulas não sejam tão maçantes e cansativas. Assim a professora tenta aproveitar ao máximo os espaços oferecidos pela Universidade Federal de Viçosa – UFV.

O fato de a Universidade estar localizada próxima ao município de Coimbra é um fator positivo, pela existência de diferentes ambientes, e que possibilita a utilização do recurso metodológico, para as demais disciplinas. Porém, no caso desta escola as disciplinas que mais utilizam do trabalho de campo são a geografia e a biologia, e sendo o seu principal destino a UFV.

Outro ponto que foi discutido durante a entrevista foi o planejamento de trabalhos de campo ao longo do ano. Todas as escolas do estado de Minas Gerais exigem dos professores a elaboração do planejamento anual de todas as turmas que lecionam. Neste planejamento anual deve conter todos os conteúdos que serão lecionados ao longo do ano, os seus objetivos e qual a metodologia que será utilizada.

São feitas também algumas reuniões com os professores por disciplinas, momento este em que se discute o desenvolvimento da disciplina em cada turma. Sabendo disto, foi questionado à professora se durante essas reuniões, conselhos de classe, ou durante o planejamento escolar, se o trabalho ou viagens de campo são colocados em pauta.

“Não, nunca vi ser discutido, nunca! É, mas eu acho que isso, é por causa das dificuldades, assim de deslocamento e principalmente pela falta de interesse dos alunos mesmo, isso desmotiva muito a sair com eles da escola. É e além disso, eu acho que o trabalho tem que ser muito pensado, planejado para não virar passeio mesmo, eu acho que tem que ser de acordo com os conteúdos que o professor esta trabalhando tem que ter um roteiro a ser seguido, um antes e um depois do trabalho de campo por que se não fica algo muito solto dentro da disciplina, aí você não pode cobrar dos alunos, se você esta levando os meninos meio que para passear também, né”!

O trabalho de campo é um recurso metodológico que pode melhorar o processo de ensino e aprendizado, porém é um recurso trabalhoso, que necessita de um bom planejamento e de aulas que demonstrem o objetivo do trabalho de campo. É um instrumento trabalhoso também, pois exige a presença de outros profissionais da escola, com discutido anteriormente.

A partir da conversa com o diretor e a professora da Geografia é possível comprovar algumas hipóteses propostas ao início da pesquisa:

- Burocracia: Envolve as autorizações que abrangem os pais das crianças, que em alguns casos não entendem a importância de uma aula diferenciada para os seus filhos. A Superintendência, a qual é responsável pela fiscalização do funcionamento da escola. E a direção escolar, que muitas vezes depende da autorização da Superintendência.
- Transporte: Apesar do acordo existente entre a escola e a prefeitura, o transporte fica retido aos horários que a prefeitura e a escola municipal disponibilizado, causando algumas vezes a inviabilização do trabalho de campo.
- Financeiro: A inexistência de um recurso voltado para o trabalho de campo é fator primordial, porém a partir das entrevistas, foram relatos alguns movimentos a favor de recursos direcionados, como o PROEM.
- Falta de interesse dos professores: Essa falta de interesse é motivada pela falta de comportamento e interesse de alguns alunos, pela burocracia que é enfrentada e muitas vezes pela falta de profissionais que possam auxiliar durante o campo.

No caso desta escola, as turmas normalmente atendem de 35 a 40 alunos, sendo inviável e irresponsável, desta forma, o acompanhamento de apenas um professor com a turma. E a utilização de outros profissionais acarreta na mudança da dinâmica escolar.

Tais hipóteses foram comprovadas com a pesquisa e partir das observações feitas através do trabalho de campo, e novos entraves foram descobertos:

- Falta de interesse dos alunos: Este é um recurso que possui como principal objetivo buscar o interesse dos alunos, como já dito anteriormente, tira-los dos muros das escolas, para que dessa forma seja possível a melhor compreensão dos conteúdos vistos em sala de aula.

Portanto, a partir de tais entrevistas é possível observar o interesse da escola em desenvolver trabalhos de campo para os seus alunos, porém muitas vezes as dificuldades e a preocupação com a burocracia fazem com que ocorra o desestímulo dos profissionais competentes em colocá-los em prática.

3.5. O Trabalho de Campo no Horto Florestal da Universidade Federal de Viçosa – UFV

Neste momento da pesquisa foi necessária maior participação nas aulas e interação com os alunos. O estudo foi aplicado aos alunos do 6º ano A¹ do ensino fundamental da Escola Estadual Emílio Jardim. Durante o mês de novembro correspondente ao 4º bimestre letivo, a professora de geografia abordou o conteúdo Biomas Brasileiros.

Para abordar tal tema, a professora considerou que seria de grande relevância para os alunos a produção de um trabalho de campo. Frente a isto ela planejou um trabalho de campo no Horto Florestal da Universidade Federal de Viçosa – UFV para a data de 22 de outubro de 2015. A realização deste trabalho de campo dividiu-se em três importantes momentos.

¹ As turmas são divididas 6º ano: 6º A, 6º B, 6º C e 6º D.

7º ano: 7º A, 7º B, 7º C e 7º D./ 8º ano: 8º A, 8º B, 8º C e 8º D./ 9º ano: 9º A, 9º B, 9º C e 9º D./ 1º ano: 1º A, 1º B e 1º C./ 2º ano: 2º A, 2º B e 2º C. 3º ano: 3º A, 3º B e 3º C.

Os alunos são divididos de acordo com as notas escolares, exceto no Ensino Médio, em que o critério de divisão da turma é a ordem alfabética. E as turmas “C” do Ensino Médio, são turmas de alunos que só possuem disponibilidade de estudar no turno da noite.

No primeiro momento foi introduzido o tema Biomas Brasileiros aos alunos do 6º ano A. Durante esta aula a professora explorou o livro de Geografia utilizado pelos alunos, este material possuía algumas imagens e as principais características dos biomas brasileiros, Amazônia, Mata Atlântica, Mata de Araucária, Caatinga, Cerrado, Pantanal e Campos. Outro recurso também utilizado pela professora foi a projeção de outras imagens sobre a distribuição dos biomas ao longo do território brasileiro.

É interessante ressaltar a interação dos alunos durante a aula de Geografia, pois eles já haviam estudado tais biomas na disciplina de ciências, desta forma a preocupação da professora foi em mostrar relação da Geografia e da ciência. O fato da classe já ter visto parte do conteúdo em outra disciplina ajudou muito no desenvolvimento da aula, possibilitando a professora aprofundar o conteúdo. Esta aula teve a duração de dois horários de 50 minutos cada.

Ainda durante esta aula, a professora de Geografia propôs a classe um trabalho de campo que seria realizado na próxima aula. Neste momento foi entregue aos alunos uma carta dirigida aos seus pais, pedindo a autorização para saírem da escola. Também foram repassados alguns informes, como a obrigatoriedade da utilização do uniforme, calças confortáveis e tênis, além de uma garrafa de água e alimento que eles julgarem necessários para o campo.

A partir deste momento a direção escolar começou a apoiar a professora para a realização do trabalho de campo que ocorreria na semana seguinte, além das autorizações para os pais, era necessário o envio de um ofício para a Prefeitura Municipal, solicitando o transporte escolar. Este ofício deve ser enviado com um prazo de uma semana para verificação da agenda da garagem municipal. Assim que a Prefeitura recebeu o ofício, foi possível a liberação do transporte.

Assim, a parte burocrática já estava bem encaminhada, os alunos já haviam recebido as autorizações para serem entregues aos seus pais, o transporte já estava confirmando, neste momento o que faltava era decidir quais os profissionais que acompanhariam a professora no campo. Para isso foram necessários algumas adaptações no horário escolar da data prevista. Algumas aulas tiveram que ser remanejadas, pois a professora de Geografia também lecionava para outras turmas que não participariam do trabalho de campo.

Tal remanejamento contou com a ajuda de outros professores que estariam na escola cumprindo a sua carga horária. E ficou como responsável a acompanhar a

professora no trabalho a supervisora do turno da tarde, o mesmo turno da turma 6º ano A.

O segundo momento foi à realização do trabalho de campo. Durante o primeiro horário de aula, que se iniciou às 12h30min, a professora recolheu as autorizações, todos os 35 alunos foram autorizados pelos seus pais a participarem do trabalho de campo. Ainda neste momento a professora explicou aos alunos como seria o campo, o que eles iriam encontrar. E algumas recomendações foram repassadas como ir ao banheiro, beber água, levar sacolinhas para o seu próprio lixo.

O ônibus chegou à escola por volta das 13h20min e logo os alunos foram direcionados ao veículo. O ônibus deu partida às 13h30min, assim como previsto. O trajeto durou cerca de 30 minutos, pois o Horto Florestal está localizado no município vizinho Viçosa.

Ao longo do trajeto os alunos estavam conversando entre si, sobre a sorte que possuíam, pois aquela já era a terceira “excursão” que eles estavam fazendo durante este ano. Tais “excursões” como eles tratavam diziam respeito a visita feita no Museu de Solo também da UFV, e COPASA, centro de tratamento e distribuição de água do município de Coimbra.

Segue um mapa que demonstra o trajeto realizado pelos alunos. O trajeto inicia-se na escola até o Horto Florestal.

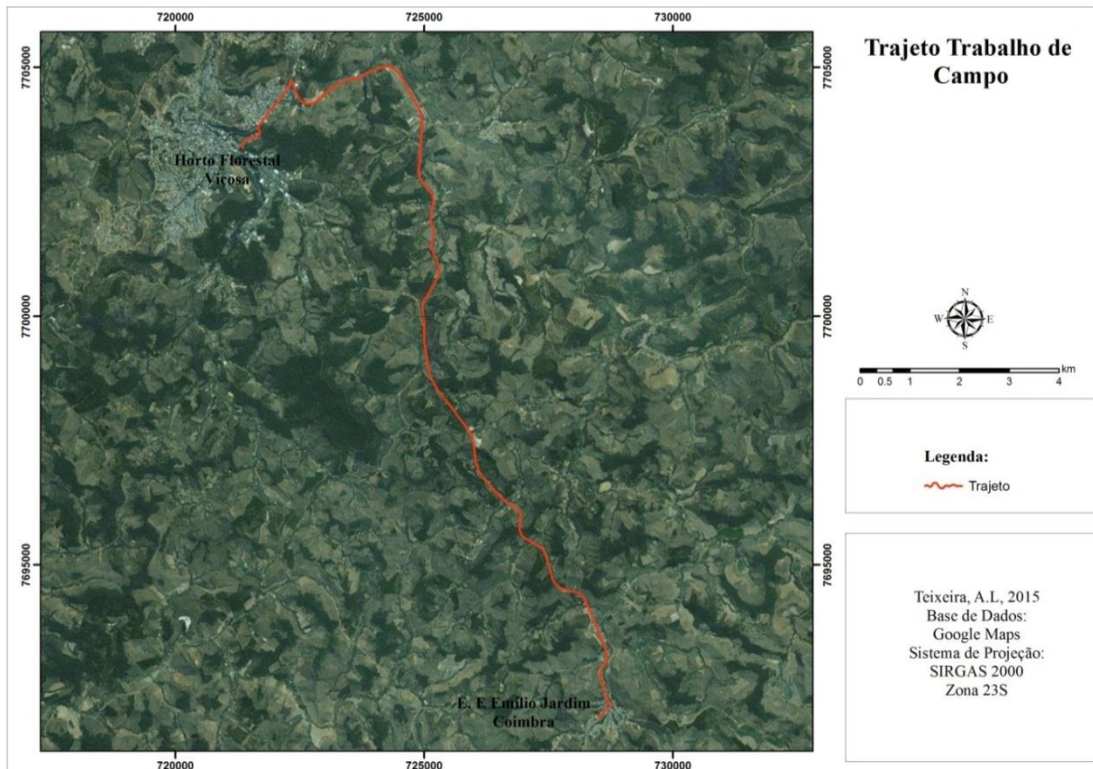


Figura 3: Trajeto do Trabalho de Campo
Fonte: Angélica Ladeira Teixeira

Assim que o ônibus escolar chegou ao Campus da Universidade, os alunos já ficaram mais agitados, ao passarem pelo PVB (pavilhão de aulas), começaram a dizer que no futuro estudariam por lá assim como alguns dos seus conhecidos e parentes. E também questionaram a professora sobre o significado da sigla UFV (Universidade Federal de Viçosa).

Ao chegarem ao Horto Florestal foram recebidos por uma monitora, que explicou a turma qual seria a dinâmica do Campo. Neste momento foi questionado aos alunos sobre o que seria um Horto, muitas respostas apareceram, como o lugar onde de realização experimento com plantas nativas e plantas de outras regiões. Em seguida iniciou-se uma trilha na mata presente no Horto Florestal. A monitora pediu aos alunos que ao percorrem a trilha, recolhessem algumas folhas do chão, que eles mais gostassem, para ao final da trilha elaborar um trabalho.



Figura 4: Trilha do Horto Botânico- UFV
Fonte: Angélica Ladeira Teixeira

Durante a trilha foram apresentadas aos alunos algumas espécies de vegetação e o seu local de origem, e paralelamente a professora foi instigando os alunos sobre qual bioma pertencia tal planta. A grande maioria se tratava de vegetação do bioma Mata Atlântica.

Durante o percurso o que mais sobressaiu aos olhos dos alunos foi o contato com o Pau-Brasil, árvore que eles tanto ouviram falar na disciplina de história, o qual eles mesmos fizeram associação do Pau-Brasil com a sua exploração durante o processo de colonização. Em momentos como este é possível perceber que os próprios alunos são capazes de reconhecer a interdisciplinaridade que o trabalho de campo pode oferecer.

Outra planta que eles também associaram com conteúdos abordados em outras disciplinas, como a ciência, foi a presença da planta Barriguda, a qual eles também já haviam ouvido falar. Ficaram admirados com a largura da árvore e queria saber se realmente esta árvore era tão larga devida a grande presença de água em seu tronco.

Ainda neste momento de entrarem em contato com algumas espécies outras duas árvores também despertaram a curiosidade da turma, tratava-se de duas árvores de jabuticaba, uma era a jabuticaba que eles já conheciam a da casca preta e roxa, e a outra

se tratava da jabuticaba branca, a qual eles não conheciam. O principal questionamento foi quanto à carga de vitamina presente em cada uma delas, porém a monitora e a professora não sabiam e ficaram de pesquisar.

Ao final da trilha encontraram-se alguns bancos entre as árvores, neste local a monitora propôs outra dinâmica aos alunos. Foi pedido aos alunos para formarem duplas e em seguida foram distribuídas algumas perguntas em formato de charadas, sobre o que eles haviam observado durante a trilha. Algumas das charadas eram:

- “Temos tecidos diferenciados para flutuar que acumulam ar ficando assim bem leves, nossas raízes possuem micro-organismos que agem como filtros. Onde vivemos, quem somos nós”?
- “Dizem por ai que sou centenária, bem antes do horto surgir já estava por aqui, minhas raízes são bem grandes e compridas podendo até quebrar passeios, em cima de mim muitos estão habitados, inclusive meus amigos cipós, quem sou eu, lembra onde estou”?
- “Tenho um fruto saboroso, porém você deve ter cuidado para comê-lo pode causar muita dor de barriga. Quem sou eu”?
- “Aqui em cima podemos aproveitar melhor a luz e umidade, não incomodamos as outras plantas somos somente hospedeiras. Sabe como viemos para aqui em cima? Quem somos nos”?
- “Meus frutos diferentemente de outras árvores dão no tronco, que tem aspecto descascado, os meus frutos são branquinhos, mas muito gostosos. Minha floração parece nuvens no céu”?
- “Minhas raízes parecem tábuas, também só assim para suportar uma árvore tão alta, meus frutos são secos, mas têm um formato muito peculiar de coração. Quem sou eu”?
- “Fazemos a reciclagem da matéria orgânica, devolvemos ao solo seus nutrientes tornando assim mais rico. Quem somos nós? Onde podemos viver”?



Figura 5: Dinâmica sobre o que foi visto ao longo da trilha.

Fonte: Angélica Ladeira Teixeira

Nesta ocasião foi possível observar que os alunos haviam prestado atenção na trilha, pois eles sabiam responder as charadas e ainda queriam saber as respostas das charadas das outras duplas, para desta forma, poderem testar os seus próprios conhecimentos. Em momentos de dúvidas eles recorriam à professora.

Como fechamento da visita, a monitora trouxe alguns materiais como cartolina, cola e giz de cera, para os alunos produzirem desenhos que envolvessem as folhas que haviam recolhido durante a trilha. Quando perceberam que teriam que produzir algo, os alunos pediram autorização para procurarem outras folhas e frutas na mata, para que o trabalho ficasse melhor.

A seguir estão as imagens de alguns dos trabalhos produzidos pelos alunos no Horto Florestal:



Figura 6: Trabalho elaborado pelos alunos
Fonte: Angélica Ladeira Teixeira



Figura 7: Trabalho elaborado pelos alunos
Fonte: Angélica Ladeira Teixeira



Figura 8: Trabalho elaborado pelos alunos
Fonte: Angélica Ladeira Teixeira



Figura 9: Trabalho elaborado pelos alunos
Fonte: Angélica Ladeira Teixeira

Ao final da produção dos cartazes os alunos foram liberados para lancharem e em seguida retornaram à escola. A chegada ocorreu por volta das 16h00min. Ao chegarem, foram direcionadas a sala de aula, pois ainda restava um horário para o final da aula.

Na aula seguinte, a professora de geografia propôs outra dinâmica para os alunos. Para esta dinâmica ela utilizou o refeitório da escola, pois se trata de um ambiente maior que a sala de aula, deixando os alunos mais a vontade e também ela poderia utilizar o data show. Inicialmente foi feita uma revisão dos conteúdos vistos no trabalho de campo, momento em que a professora procurava observar as principais impressões dos alunos. Pode-se considerar que o resultado foi positivo, os alunos se envolveram com as atividades propostas no campo e aprenderam novos conteúdos, inclusive de outras disciplinas, neste caso, principalmente em ciências e história.

Em um segundo momento os alunos foram divididos em grupos formados por 3 ou 4 pessoas. No data show foram projetados algumas espécies de vegetação que eles conheceram ao longo da trilha. A partir das imagens projetadas, do nome das espécies, e das explicações feitas pela monitora do Horto Florestal, os alunos deveriam pesquisar o bioma de origem de cada espécie.



Figura 10: Desenvolvimento da atividade de encerramento do Trabalho de Campo.
Fonte: Angélica Ladeira Teixeira



Figura11: Desenvolvimento da atividade de encerramento do Trabalho de Campo.
Fonte: Angélica Ladeira Teixeira

A partir das imagens e das placas de identificação de cada espécie, nome e região de origem os alunos fizeram associações com um mapa de biomas brasileiros, o que facilitou a identificação de cada bioma.

Os alunos não conseguiram terminar atividade em sala de aula, então levaram para casa, momento em que eles poderiam utilizar outros recursos de pesquisa. Entregaram o trabalho na aula seguinte e a professora o utilizou como forma de avaliação. Nota-se que o resultado desta avaliação foi positiva, tanto para os alunos quanto para a professora, os resultados dos trabalhos foram muito bons. Isso, principalmente, porque a partir do trabalho de campo os alunos conseguem associar as espécies que viram na trilha com o que aprenderam em sala de aula e com o desenvolvimento do trabalho de fechamento do trabalho de campo.

O campo realizado na Escola Estadual Emílio Jardim, utilizou das etapas defendidas ao longo deste trabalho: Pré-Campo, Campo e Pós-Campo. Proporcionando aos alunos uma melhor forma de construir o conhecimento, além de possibilitar a relação com outros conteúdos ao longo da aula. E ao final de todo o processo do campo, tais alunos tiveram a oportunidade de sistematizarem o que aprenderam, organizando assim o conhecimento adquirido em campo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa apresentou como objetivo analisar a importância, as limitações para realização e as principais contribuições do trabalho de campo, enquanto recurso metodológico, para o ensino de Geografia. A pouca utilização do trabalho de campo como recurso metodológico no ensino de geografia possui como principais problemas questões burocráticas que envolvem a retirada dos alunos da escola, falta de recursos financeiro, transporte, desestímulo dos professores e a falta de interesse dos alunos. Contudo, o esforço da professora de Geografia que atua na escola pesquisada, juntamente com a direção escolar em oferecer aulas interativas e diferenciadas aos seus alunos, possibilita a ocorrência do campo.

Percebe-se que a iniciativa do professor de Geografia é o primeiro passo para que o trabalho de campo ocorra, entretanto, é necessário que suceda o apoio da direção escolar, caso que é comprovado na Escola Estadual Emílio Jardim. E a partir deste apoio, a direção irá viabilizar o campo e cuidar da parte burocrática, bem como o transporte escolar, procurar profissionais que possam acompanhar o campo, pedir autorização aos responsáveis dos alunos, reorganizar os horários de aulas.

A partir da realização desta pesquisa, apresenta-se como aspecto positivo a postura dos agentes escolares da Escola Estadual Emílio Jardim, que compreendem o trabalho de campo como um importante recurso metodológico não somente para o ensino de geografia, assim como para as demais disciplinas. Assim, a própria direção escolar incentiva e apoia a realização dos trabalhos de campo, desde que não alterem muito a dinâmica na escola. Porém, este recurso não é utilizado com tanta frequência devido aos entraves já destacados anteriormente.

Outro ponto positivo que merece destaque é a participação dos alunos durante o campo e a capacidade que estes possuem em relacionar o conteúdo com outras disciplinas escolares, tornando assim o trabalho de campo interdisciplinar. Este envolvimento dos alunos possibilitou que eles construíssem o seu próprio conhecimento ao invés de apenas recebê-lo.

Ao observar a realização do trabalho de campo efetivado pela escola no Horto Florestal, é possível identificar alguns pontos negativos para a realização campo, sendo estes a indisponibilidade de profissionais para acompanhar as turmas e a incompatibilidade de horários.

Uma questão de grande relevância a se destacar é a postura da professora de geografia frente à utilização de tal recurso metodológico. Ao longo da sua formação docente ela teve a oportunidade de participar de diversos trabalhos de campo que contribuíram para a construção do conhecimento geográfico, identificando desta forma que ao aplicar tal recurso metodológico possibilitaria o mesmo aos seus alunos. Assim, a professora procura explorar ao máximo as oportunidades disponibilizadas pela Universidade Federal de Viçosa – UFV.

É também de grande importância destacar o envolvimento da direção escolar, supervisão, professora de geografia e dos alunos na pesquisa, o comprometimento foi fundamental para a realização das atividades. Diante do exposto entende-se os problemas e as principais dificuldades enfrentadas pela escola como um todo, para a realização do campo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENTEJANO, P. R. R.; ROCHA-LEÃO, O. M. Trabalho de campo: uma ferramenta essencial para os geógrafos ou um instrumento banalizado? In: **Boletim Paulista de Geografia**, nº 84. São Paulo-SP: AGB, 2006.

AMORIM FILHO, O. B.; **A evolução do pensamento geográfico e suas consequências sobre o ensino de Geografia**. In: Revista Geografia e Ensino, Belo Horizonte: 1(1), pp. 5-18, março de 1982.

AZEVEDO, T. R. Técnicas de campo e laboratório em climatologia. (Org) Luiz Antonio Bittar Venturi **In: Praticando a geografia: técnicas de campo e laboratório em geografia e análise ambiental** – São Paulo: Oficina de textos, 2005.

BELO, V.de L. ; RODRIGUES JÚNIOR, G. S. **A Importância do trabalho de campo no ensino de Geografia**. ENG 2010 – XVI Encontro Nacional de Geógrafos, Porto Alegre – RS, 2010.

BRAUN, A. M. S.; **Rompendo os muros da sala de aula: O trabalho de campo na aprendizagem de geografia**. Santa Cruz do Sul, v.13, n. 1, p. 250-272, jan./jun. 2007.

BUSSOLARO, B. **O lugar do município no ensino de geografia**. São Francisco Beltrão/PR, 2013.

FURLAN, S. A. Técnicas em biogeografia. (Org) Luiz Antonio Bittar Venturi **In: Praticando a geografia: técnicas de campo e laboratório em geografia e análise ambiental** – São Paulo: Oficina de textos, 2005.

HISSA, C. E. V.; OLIVEIRA, J. R. **O Trabalho de campo: Reflexões sobre a tradição geográfica**. In: **Boletim Goiano de Geografia**, Goiás – GO, v. 24, nº 1-2, janeiro/dezembro 2004.

INEP, **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira**. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/> Acesso em 13 de novembro de 2015.

JACOBUCCI, D. F. C. **Contribuições dos espaços não-formais de educação para a formação da cultura científica**. S/D. p.12.

JUSTEN, R.; CARNEIRO, C. D. R. **Importância dos trabalhos de campo na disciplina geografia: Um olhar sobre a prática escolar em Ponta Grossa (PR).** ENPEG. 10 Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia; Porto Alegre – RS, ago./set. 2009.

JUSTINIANO, E. F. Registro fotográfico. (Org) Luiz Antonio Bittar Venturi **In: Praticando a geografia: técnicas de campo e laboratório em geografia e análise ambiental** – São Paulo: Oficina de textos, 2005.

MANFREDINI, S.; DIAS, S. M. F.; NETO, J. P. Q.; FERREIRA, R. P. D. Técnicas em pedologia. In: **Praticando a geografia: técnicas de campo e laboratório em geografia e análise ambiental**/organizador Luiz Antonio Bittar Venturi. – São Paulo: Oficina de textos, 2005.

MARANGONI, A. M. M. C. Questionários e entrevistas: algumas considerações. (Org) Luiz Antonio Bittar Venturi **In: Praticando a geografia: técnicas de campo e laboratório em geografia e análise ambiental** – São Paulo: Oficina de textos, 2005.

MELNICK, D. As Montanhas da Lua. Produção de Daniel Melnick e direção de Bob Rafelson, Estados Unidos, 1990

OLIVEIRA, J. R.; MACHADO, P. S. **O Trabalho de campo e o olhar sobre a paisagem do Vale do Jequitinhonha.** UNIBH, Belo Horizonte – MG, S/D.

ROSS, J. L. S.; FIERZ, M. S. M. Algumas técnicas em pesquisa em geomorfologia(Org) Luiz Antonio Bittar Venturi **In: Praticando a geografia: técnicas de campo e laboratório em geografia e análise ambiental** – São Paulo: Oficina de textos, 2005.

RODRIGUES, C.; ADAMI, S. Técnicas fundamentais para o estudo de bacias hidrográficas. (Org) Luiz Antonio Bittar Venturi **In: Praticando a geografia: técnicas de campo e laboratório em geografia e análise ambiental** – São Paulo: Oficina de textos, 2005.

SANTOS, C.; TUNES, R. H. **Geografia escolar: Construções e desconstruções.** 1. ed. São Paulo: NEGE, 2001. v. 1. 48p .

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** 3 ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

SILVA, O. S. **A importância do Pensamento Geográfico: Implicações e conceitos.**

SILVA, J. S. R.; SILVA, M. B.; VAREJÃO, J. L.; **Os (des) caminhos da educação: a importância do trabalho de campo na geografia.** Campos dos Goytacazes/RJ, v.12, n. 3, p. 187-197, set./dez. 2010.

SUERTEGARAY, D. M. A; **Pesquisa de Campo em Geografia.** Universidade do Rio Grande do Sul.

VENTURI, L. A. B. **Praticando a geografia: técnicas de campo e laboratório em geografia e análise ambiental** – São Paulo: Oficina de textos, 2005.

PUNTEL, G. A. **A paisagem no ensino da geografia.** Santa Cruz do Sul/RS. V. 13, n. 1, p. 283-298, jan./jun. 2007

APÊNDICE

Apêndice 1: Estrutura da entrevista feita ao diretor e a professora de geografia da Escola Estadual Emílio Jardim

Professora

1. Em qual instituição e em que ano se formou?
2. Durante a sua graduação em geografia, participou de algum trabalho de campo?
Se sim, quais foram as suas impressões?
3. Ao longo da sua carreira docente, já elaborou um trabalho de campo para as suas turmas?
4. Quais foram as principais dificuldades na realização do campo?
5. Qual a relevância do trabalho de campo para o ensino de geografia?
6. Durante os conselhos de classe ou planejamento escolar o trabalho de campo é discutido?

Diretor e Supervisora

7. Em sua opinião, qual a importância do trabalho de campo para o ensino de geografia?
8. Com que frequência ocorre trabalhos de campo na escola?
9. De que forma a escola auxilia na viabilização do trabalho de campo?
10. Quais foram as principais dificuldades na realização do campo?

Apêndice 2 – Transcrição da entrevista com o diretor da escola

Diretor: Então, como eu estava ti falando, a grande dificuldade do trabalho de campo é deslocar, sair com os meninos da escola.

Às vezes a gente tem dificuldade de conseguir o ônibus da prefeitura, porque eles tem que transportar os alunos durante o dia.

Pesquisador: E tem um prazo para você enviar esse ofício, você pede um ofício, não é?

Diretor: Tem claro, que na medida do possível eles estão sempre ajudando a gente, eu vou até agora pedir é... Para levar os meninos no próximo dia 09 no Recanto das Cigarras. Só que a prefeitura sempre esta cedendo, mas, às vezes não podem por questões de contenção de despesas, por questão de estar utilizando o ônibus para outros fins também.

Pesquisador: É, você direto é formado em geografia, e você atuou quanto tempo na sala de aula, como professor?

Diretor: Eu atuo há 17 anos, né! Há 17 anos na sala de aula.

Pesquisador: Você também trabalhou, trabalha no Anglo que é uma rede particular, você vê alguma diferença na hora, por exemplo, de planejar um trabalho de campo, em uma rede particular e em uma rede publica você vê alguma dificuldade?

Diretor: Não, até que com a rede publica a gente tem mais autonomia, para elaborar um trabalho, mas a vezes a gente esbarrar na burocracia, questão de ter que tirar menino da escola, precisa da autorização dos pais, ai tem a questão dos ônibus, então, mas as vezes na escola publica a gente tem mais autonomia para fazer o trabalho de campo.

Pesquisador: E, no trabalho de campo às vezes aparece a opção do financeiro? Por exemplo, o aluno tem que levar um lanche ou então quando volta esta cansado, ai tem que lanchar na escola. Porque às vezes muitas escolas tem dificuldade com o financeiro.

Diretor: Isso, na verdade, a gente não tem recurso para tirar o aluno da escola, agora que a gente esta recebendo recurso do PROEM. Só que este recurso, a gente tem que ... a gente pode, por exemplo, fazer este ano 3 excursões, é a gente vai tentar retirar, transportar esses meninos para algum lugar.

Pesquisador: O que é o PROEM?

Diretor: O PROEM é um programa do governo estadual, que seria um projeto voltado para comprar recursos permanentes para a escola né, recursos permanentes e materiais de consumo também e um desses itens é viajar com os meninos. Essa ano a gente esta pretendendo gastar esse dinheiro do PROEM com 3 viagens. A gente esta pretendendo

ir a Ouro Preto, Mariana e de repente São João Del Rey, Tiradentes ou na Serra do Brigadeiro.

Pesquisador: Então, aqui você está mostrando trabalhos de campo que não são só da geografia, os outros professores também utilizam...

Diretor: Isso, não são só da geografia, no caso a biologia, utiliza bastante né!

Pesquisador: Então, Você enquanto professor de geografia e enquanto diretor da escola, qual a sua opinião do trabalho de campo para o ensino, a contribuição do trabalho de campo?

Diretor: Ah, é fundamental, o trabalho de campo, mas como a gente já falou, a gente tem os obstáculos para fazer.

Pesquisador: Mas, na questão do aprendizado do aluno?

Diretor: A questão do aprendizado, eu acho que fica bem mais concreto para o aluno, não é! Ele se interessa mais, com certeza é bem mais.... é importante!

Pesquisador: Sai um pouco do muro da escola?

Diretor: Sai! Sai, é bem mais atraente para o aluno né! Com certeza!

Pesquisador: Com que frequência ocorre trabalhos de campo na escola? Você falou que já tem na agenda da escola, mais ou menos 3 trabalhos de campo, até o final do ano.

Diretor: Isso tem esses trabalhos como recurso do projeto do PROEM, porque tirando esse projeto a gente não tem recurso para retirar os meninos da escola, né!

Pesquisador: Mas no caso do professor correr atrás de ônibus e todos os recursos, a escola apoia a saídas de campo?

Diretor: A escola apoia, mas às vezes a própria superintendência tem que autorizar a saída também da escola. Porque tem épocas que a superintendência, o governo do estado não autoriza a saída de alunos da escola. Por vários motivos. Então a burocracia é o maior obstáculo.

Pesquisador: Esses entraves no caso, então seria a parte burocrática.

Diretor: A parte burocrática é o maior entrave.

Pesquisador: De que forma a escola auxilia na viabilização do trabalho de campo? Eu até que você já respondeu um pouco disso não é? Falando que a escola corre atrás do transporte escolar.

Diretor: É a gente tem o apoio da prefeitura sempre, quando eles podem, eles sedem o ônibus pra gente sair, né só que tem período que o próprio ônibus da prefeitura não pode sair do município também.

Pesquisador: Aqui realmente é um acordo com a prefeitura, porque a escola é estadual e consegue o apoio da prefeitura. É um trabalho da direção da escola com a prefeitura.

Diretor: Exatamente! É um apoio que eles dão, não só com relação ao transporte, com relação até a melhoria, outras melhorias na escola, a prefeitura apoia, mas tem as limitações também.

Pesquisador: Também a gente não pode jogar a responsabilidade para a prefeitura.

Diretor: É! Um exemplo até a biblioteca estadual, é paga pelo município.

Pesquisador: Quando você vai em um trabalho de campo, ou quando você viu um trabalho de campo, quais foram as dificuldades que você encontrou com os alunos? Sem ser essa parte burocrática que envolve a escola, o que você acha mais difícil de trabalhar com aluno fora da sala de aula?

Diretor: Bom, até que as dificuldades, como a gente comentou, eles aprendem mais, eles são.. gostam mais do trabalho de campo, mas as vezes, organizar a turma de sexto ano, sétimo ano, são mais difíceis né de concentrar, a gente tem que tomar mais cuidado com esses alunos né!

Pesquisador: A responsabilidade é maior!

Diretor: Fora da escola, a responsabilidade é maior. Trabalhar com alunos de ensino médio é mais fácil nesse sentido.

Pesquisador: Até porque, tem que ter apoio de outros professores.

Diretor: Tem, às vezes do supervisor.

Pesquisador: Porque sair com... aqui a média é 35 alunos por turma?

Diretor: 35 alunos por turma.

Pesquisador: Imagina 1 professor saindo a campo com os alunos.

Diretor: É um professor a responsabilidade é muito grande, tem que ser no mínimo 2 não é ?

Pesquisador: É, uma outra coisa também é que eu já observei em trabalhos de campo as vezes os alunos acham que a gente esta saindo a passeio.

Diretor: Isso acontece na maioria das vezes.

Pesquisador: Ai não quer usar uniforme escolar, fala com o pai e com a mãe: hoje não tem aula, hoje a gente vai passear, por exemplo, no recanto das cigarras, o que você acha precisa para demonstrar para os alunos e aquilo é uma aula?

Diretor: Mas, aí o trabalho dentro da sala de aula é importante para conscientizar os alunos, preparar os alunos para o trabalho de campo, para não se transformar em um simples passeio.

Pesquisador: Neste caso, tem um autor que fala muito sobre Pré-campo, o campo e Pós-campo.

Diretor: Pois é! Isso é muito importante, porque se não fica um simples passeio, e não tem objetivo nenhum.

As maiores dificuldades são as burocráticas, mas é muito importante!

Apêndice 3 – Transcrição da entrevista com a supervisora

Pesquisador: Em sua opinião, qual a importância do trabalho de campo para o ensino na escola?

Supervisora: O trabalho de campo é essencial! É bom as crianças vivenciarem outro ambiente e ver como, por exemplo, na aula de geografia, eles ir lá ver o campo, ver o tipo de plantação que tem na região, isso tudo é muito importante.

Pesquisador: Com que frequência ocorre trabalhos de campo na escola?

Supervisora: Quase não ocorre. Deveria ter mais trabalho de campo, mas quase não tem trabalho de campo aqui.

Pesquisador: Porque você acha que quase não tem trabalho de campo aqui nessa escola?

Supervisora: Falta de interesse dos professores, dos profissionais em sair, não é! Porque da mais trabalho.

Pesquisador: A responsabilidade?

Supervisora: A responsabilidade! Então isso tudo faz com que os alunos não saiam do ambiente da escola, que dentro da escola é mais fácil conter as crianças, dominar!

Pesquisador: De que forma a escola auxilia na viabilização do trabalho de campo?

Supervisora: A escola vê o lado prático, é ônibus, uma pessoa para acompanhar, é orientar os professores a fazer um pré trabalho de campo, precisaria primeiro o professor dar uma aula sobre o assunto, explicar como seria esse assunto, isso tudo muitas vezes o professor deveria fazer, nesse sentido.

Pesquisador: O que você acha que pode acontecer no campo, se não tiver essa pré-aula, que você fala?

Supervisora: O aluno esta indo para o trabalho de campo, mais para diversão, para ele é um passeio, para ele não faz sentido aula de campo, para ele tudo é festa, traz merenda, pode vir sem uniforme, vai brincar lá, é isso que eles sentem, é essa a sensação.

Pesquisador: Quais foram as principais dificuldades na realização do campo?

Supervisora: É isso eu falei primeiro, interesse dos profissionais em realizar o trabalho de campo, porque da mais trabalho, as crianças lá... lá é um ambiente aberto, os meninos podem... tem que ter mais responsabilidade com essa crianças, Crianças e

adolescentes, ônibus também. Você vai lidar com outros profissionais, isso tudo tem uma certa dificuldade.

Apêndice 4 – Transcrição da entrevista a professora de Geografia

Pesquisador: Em qual instituição e em que ano se formou?

Professora: Eu me formei na UFV, em janeiro de 2012, sou da turma de 2008. Janeiro de 2012 me formei em licenciatura e desde então eu estou atuando como professora. Em março de 2014 me formei no bacharelado.

Pesquisador: Durante a sua graduação em geografia, participou de algum trabalho de campo? Se sim, quais foram as suas impressões?

Professora: Então, eu participei de vários trabalhos, a maioria deles estava relacionado a geografia física e principalmente a área de solos, geomorfologia, conheci muito o Espírito Santo, Diamantina também e foram as melhores partes do curso, assim. Pois era onde a gente sai da sala de aula e ia conhecer o que a gente aprendia e aplicar o que a gente aprendia na sala de aula né! Foi muito bacana mesmo, era um trabalho super bem organizado, com objetivos muito claros e muito eficazes, assim de fazer a gente entender, assim o porquê daquilo nas disciplinas né!

Pesquisador: Ao longo da sua carreira docente, já elaborou um trabalho de campo para as suas turmas?

Professora: Já. Foram muitos não, mas eu já levei os meninos na.. Tentando aproveitar mais os espaços que a UFV oferece né! Eu levei os meninos no museu, mais de uma vez, em outra escola que eu também trabalhei na Mata do Paraíso, na COPASA ali em Coimbra mesmo, e foram legais. Os meninos gostam muito e eles pedem para levar em eles em algum lugar né! Eu tento levar quando tem haver com o conteúdo que eu estou dando para não ficar vazio.

Pesquisador: Quais foram as principais dificuldades na realização do campo?

Professora: Ah então! As minhas dificuldades, eu posso falar que são dificuldades de duas origens diferentes vamos dizer assim: Uma em relação a escola, porque é difícil conseguir ônibus, arrumar professor para ficar com as turmas que eu daria aula no caso, pra me substituir, tem que arrumar atividade, arrumar gente para ir junto, as vezes supervisor tem que deixar a escola para ir, e isso é bem complicado. E outro, eu acho que é sobre os alunos mesmo uma falta de interesse muito grande. Eles veem sair da escola como passear, eles falam vamos fazer uma excursão, ai eu falo, na escola a gente não faz excursão, a gente faz trabalho de campo gente. E muitas vezes eles não aproveitam o espaço como deveriam né! Ficam conversando entre eles o tempo todo, a gente tem que ficar chamando a atenção e poderia aproveitar e isso da uma desanimada

mesmo de levar. E por isso que tem turma que a gente não consegue, porque os meninos, os meninos são mais indisciplinados, e não dá pra realizar o trabalho com todas as turmas, porque é muita responsabilidade, tirar meninos da escola né! Tirar menino da escola e depois acontece alguma coisa, fica nas costas da gente.

Pesquisador: Qual a relevância do trabalho de campo para o ensino de geografia?

Professora: Ah então! Eu acho muito importante, porque é uma grande dificuldade dos alunos para mim é a questão da abstração. Você abstrair alguns conteúdos é muito difícil para os meninos, principalmente para os meninos mais novos e para os mais velhos às vezes o conteúdo fica muito maçante e muito chato. Então o trabalho de campo, no trabalho eles podem conhecer, podem tocar, podem tirar as dúvidas, podem sair do ambiente da sala de aula, e ir para um espaço onde eles vão aplicar o que eles aprenderam lá dentro. É, além disso, as aulas vão ficando mais atraentes, porque você consegue relacionar o conteúdo lá teórico com exemplos mais práticos e de uma certa forma, todos eles gostam muito, é muito interessante mesmo.

Pesquisador: Durante os conselhos de classe ou planejamento escolar o trabalho de campo é discutido?

Professora: Não, nunca vi ser discutido, nunca! É, mas eu acho que isso, é por causa das dificuldades, assim de deslocamento e principalmente pela falta de interesse dos alunos mesmo, isso desmotiva muito a sair com eles da escola. É e além disso, eu acho que tem que ser muito pensado, planejado para não virar passeio mesmo, eu acho que tem que ser de acordo com os conteúdos que o professor está trabalhando tem que ter um roteiro a ser seguido, um antes e um depois do trabalho de campo por que se não fica algo muito solto dentro da disciplina, aí você não pode cobrar dos alunos, se você está levando os meninos meio que para passear também, né!